

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA**

CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA

O TEATRO DO OPRIMIDO E SUA CONTRIBUIÇÃO HUMANÍSTICA NA ARTE

CRICIÚMA

2018

CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA

O TEATRO DO OPRIMIDO E SUA CONTRIBUIÇÃO HUMANÍSTICA NA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. (a) Isabel Cristina Marcilio Duarte

CRICIÚMA

2018

CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA

O TEATRO DO OPRIMIDO E SUA CONTRIBUIÇÃO HUMANÍSTICA NA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 23 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Izabel Cristina Marcílio Duarte – Mestre em Educação – (UNESC) –
Orientadora

Prof^a Angélica Neumaier – PPGE – Especialista em Ensino da Arte: Fundamentos
Estéticos e Metodológicos – (UNESC)

Prof^a Gislene dos Santos Sala – Mestre em Educação – (UNESC)

Dedico este trabalho a todos que de alguma forma, com algum gesto ou palavras, contribuíram positivamente para sua realização, á aqueles que de uma forma ou outra sempre caminharam comigo nessa jornada que foi a Universidade. Em especial ao meu esposo que foi a pessoa que sempre esteve ao meu lado apoiando em todos os momentos, isso foi de extrema importância para mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por sua constante presença em minha vida e pela força que me deu;

Gostaria de agradecer também à UNESCO, por tornar possível minha formação, assim como a todos os professores que foram parte desse processo, em especial as professoras Katiuscia Angélica e Gislene Sala, pois foi às pessoas que me deram a oportunidade de trabalhar com o Teatro do Oprimido. Agradeço também, a secretaria de nosso curso: Rosilene, que não mediu esforços em todo esse processo.

A minha orientadora, professora e artista maravilhosa Izabel Cristina, pelo carinho com que me orientava os caminhos a seguir, sua compreensão, por toda sua atenção, carisma e dedicação. Também a professora Angélica e novamente a professora Gislene, por terem aceitado fazer parte da banca examinadora nesta pesquisa, fica o meu muito obrigado.

Ao meu esposo Gustavo Mendonça da Silva, por ser meu apoio quando eu estava frustrada e a voz que me dizia que eu ia e que eu tinha que seguir adiante, também pelo auxílio e suporte oferecido nesse tempo de graduação. Quero dizer que sou muito grata por te ter em minha vida, certa da pessoa incrível que você é.

A minha família, em especial ao meu pai Claudemir Borges e minha mãe Edna Luiz, assim como meus irmãos, por me ensinaram o correto e por inúmeras vezes repetirem o quanto tinham orgulho de mim, isso foi combustível para a minha formação. Também a família do meu esposo, em especial a minha sogra e minha cunhada, que foram grandes incentivadoras do meu processo formador.

A minha amiga e colega Raine Emanuella, que esse trajeto no curso de Artes me deu, ela foi apoio em todos os momentos e lutou comigo com todo o carinho, força e dedicação. Obrigada amiga, por ter seguido esse trajeto ao meu lado, por ter vivenciado e me dado forças em todos os aspectos da vida, quero você sempre comigo e estarei sempre aqui contigo.

Também aos meus amigos e colegas, em especial á Juliana Ribeiro e ao Adriano Mezzari. Juntos laços foram construídos e com simplicidade, respeito e todo o carinho do mundo, permanecem em meu coração até o fim.

**“Todos os seres humanos são atores –
porque atuam – e espectadores – porque
observam. Somos todos ‘espect-atores’”.**

Augusto Boal

RESUMO

A presente pesquisa insere-se na linha Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura e tem como objetivo geral: Suscitar reflexões a cerca do Teatro do Oprimido e em como ele pode vir a contribuir na formação humana dos alunos do Ensino Fundamental II. A pesquisa teve como objetivos específicos: Investigar de que modo à linguagem teatral pode vir a contribuir para a formação humana dos alunos do Ensino Fundamental II; Verificar por meio de leituras, o teatro como linguagem artística, com o intuito de ser uma linguagem que promova reflexões críticas sobre a valência da arte para o cotidiano dos alunos; Analisar mediante pesquisa de campo, as possibilidades de se trabalhar o Teatro do Oprimido com os alunos e a contribuição humanística que promove. Parto da problemática: Como o Teatro do Oprimido pode vir a instigar um despertar humanístico em nossos alunos, por meio das aulas de artes? A partir de tais pontos, busco encontrar e dialogar com autores que debatem a formação humana e analisar o exercício que é o Teatro do Oprimido. Para tal, fiz uso de um estágio obrigatório, o estágio II, onde trabalhei com uma turma do sétimo ano, do Ensino Fundamental II. Da EEB Coronel Marcos Rovaris de Criciúma, onde iniciei rodas de conversas e utilizei de técnicas do Teatro do Oprimido para trabalhar a expressão cultural desses alunos e também relacionar o teatro com a cultura visual. Pensando no caráter exploratório que é essa pesquisa, segui os caminhos da cartografia, trazendo relações com pesquisa e diálogo com autores assim como com a pesquisa de campo, que foi de suma importância para a conversação e escolha de tema. Ao final desta pesquisa aprofundo-me em reflexões a cerca da minha formação na condição de professora de Artes, pesquisadora e instigadora da formação humana.

Palavras-chave: Formação humana. Teatro do oprimido. Cotidiano. Cultura Visual. Augusto Boal. Experiências.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Fotografia de Augusto Boal.....	28
Imagem 02 - Árvore do Teatro do Oprimido.....	31
Imagem 03 - Capa do Livro de Boal (1991).....	32
Imagem 04 - Mostra de vídeo com a turma do 7º ano do ensino fundamental II.....	39
Imagem 05 - Mostra de vídeo com a turma do 7º ano do ensino fundamental II.....	40
Imagem 06 - Jogo das profissões, técnica de improviso através de mimica.....	41
Imagem 07 - Jogo das profissões, técnica de improviso através de mimica.....	41
Imagem 08 - Grupos para prática do "Teatro Jornal".....	42
Imagem 09 - Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal".....	43
Imagem 10 - Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal".....	43
Imagem 11 - Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal".....	44
Imagem 12 - Fotografia do artista Adriano Mezzari - Sem título.....	45
Imagem 13 - Cenas de prática da técnica do Teatro Fórum.....	45
Imagem 14 – Fotografia “Sem título” – Artista Adriano Mezzari.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEJA	Centro de Educação de Jovens e Adultos
CTO	Centro do Teatro do Oprimido
CTORj	Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro
EEB	Escola de Educação Básica
TO	Teatro do Oprimido
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 O DESPERTAR DAS REFLEXÕES	12
1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS	15
1.2 PERCORRENDO OS CAPÍTULOS	16
2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DA ARTE – E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA	19
2.1 REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA NO ENSINO FUNDAMENTAL II.....	24
3 O TEATRO DO OPRIMIDO COMO MEIO DE PROPICIAR UM DESPERTAR HUMANÍSTICO	27
3.1 A PRESENÇA DO TEATRO NA ARTE.....	34
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	38
5 PLANO DE CURSO	47
5.1 TÍTULO.....	47
5.2 EMENTA.....	47
5.3 PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA.....	47
5.4 PÚBLICO ALVO.....	47
5.5 JUSTIFICATIVA.....	47
5.6 OBJETIVOS.....	49
5.6.1 OBJETIVO GERAL.....	49
5.6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	49
5.7 METODOLOGIA.....	49
5.8 REFERÊNCIAS.....	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	57
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II da EEB CORONEL MARCOS ROVARIS DE CRICIÚMA.....	58
ANEXOS	59
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.....	60
ANEXO B – “O TEATRO DO OPRIMIDO” DE LINDOMAR ARAÚJO.....	61
ANEXO C – VÍDEO TEATRO JORNAL.....	62
ANEXO D – VÍDEO TEATRO FÓRUM.....	63

ANEXO E – VÍDEO GRUPO “BARBIXAS”, IMPROVÁVEL – MORTES IMPROVÁVEIS 14.....	64
ANEXO F– TEXTO TEATRO JORNAL POR LINDOMAR ARAÚJO.....	65
ANEXO G – TEXTO TEATRO - FÓRUM POR KELLY CRISTINA FERNANDES	66

1. O DESPERTAR DAS REFLEXÕES

Sempre tive um desejo que já não cabia em mim, um desejo por algo que outrora não havia encontrado. Durante minha formação no ensino regular, na escola, não haviam práticas que me passasse essa leveza, esse exercício da expressão, esse estímulo do sensível, práticas que despertasse interesses e gerassem possibilidades.

Então, desde que a proposta de iniciarmos uma pesquisa foi colocada, comecei a refletir sobre essa questão. E iniciei minha busca nas minhas andanças na UNESCO, e, em nenhum momento, consegui me desvencilhar do Teatro, mesmo que tentava elevar meus pensamentos a outras linguagens artísticas, essa seguia em meu âmago.

Tudo começou na disciplina de Linguagem Teatral e Educação, com a professora Katuscia Angélica, onde ao decorrer daquele semestre, nos solicitou uma pesquisa a cerca de alguns referenciais, e o do meu grupo era o Teatro do Oprimido. Apaixonei-me por Augusto Boal e por suas técnicas, por seu modo de olhar o próximo e intuito de trabalhar a sociedade, sinto por não ter conhecido esse homem brilhante. Enfim, seguimos, apresentamos mais aquela semente que foi plantada em mim. Ao findar o semestre, fizemos uma mostra teatral no Ruy Hulse, o auditório da UNESCO, onde tive aquela sementinha que outrora foi plantada, regada. A experiência de me expressar mesmo que por uma fala já pré-estabelecida, ou até mesmo improvisada, foi algo grandioso, algo que me faz falta até hoje e que planejo junto com algumas colegas seguir.

O semestre teve seu fim logo depois dessa produção, e então tivemos a oportunidade de ir ao CEJA aqui de Criciúma, por meio da disciplina de Metodologia do Ensino da Arte no Ensino Médio, ministrada pela professora Gislene Sala, professora esta que faz muita falta hoje em dia ao nosso curso, ela foi motivo de grandes mudanças e pensamentos reflexivos. Bom, nessa ida ao CEJA, trabalhamos em grupo novamente, eu e minhas colegas Raine, Juliana e Franciele, o Teatro do Oprimido, onde foi realizada uma oficina de improviso, que apresentamos Augusto Boal, suas técnicas e as lições que ele as passava por meio dessa linguagem magnífica.

Após estas experiências, comecei a indagar-me em relação a que o teatro do oprimido trazia para mim e para os jovens alunos, então comecei a pensar nesse

lado que citei no início desse relato, a formação humana, porém não sabia dar um nome exato ao que gostaria de dizer, então com a ajuda da hoje minha orientadora, outrora professora Izabel Duarte, reconheci a formação humana como percurso a ser traçado.

Acredito que a formação humana, no Ensino da Arte, esteja diretamente ligada ao conhecimento crítico, reflexivo e a expressão que temos no processo de produção em sala de aula. Para mim, quando propusemos atividades que instiguem os alunos a questionar, sejam questões lúdicas ou do cotidiano deles, estamos oportunizando que o discente reflita sobre tais. E quando nós como docentes propiciamos isso, e damos abertura aos alunos para se expressarem, a formação humana é instigada e começamos a nos desenvolver.

Penso que é muito fácil iniciarmos debates em sala de aula, que coloquem os alunos como autores de suas próprias ações e não somente como espectadores de suas próprias vidas. Pensando nessa questão, foi que cheguei ao meu problema: **Como o Teatro do Oprimido pode vir a instigar um despertar humanístico em nossos alunos, por meio das aulas de artes?**

Pressuposto a escolha da pergunta norteadora, iniciei minha busca em relação a se ter um experiência para trazer mais eficácia e relevância a essa pesquisa. Foi quando me deparei com o estágio II, estágio orientado pela professora Silemar Maria, onde trabalhamos com alunos do Ensino Fundamental II, do sexto ao nono ano. As relações se estreitaram logo de início, e então iniciei minha observação com a turma do sétimo ano, no mês de agosto deste ano, na EEB Coronel Marcos Rovaris, localizada no bairro Pinheirinho da cidade de Criciúma. Pude perceber essas relações de diálogo entre os alunos, até mesmo a ausência de tais, pelo fato de estarem conectados nas redes midiáticas, e pouco ativos em relação a eles mesmos e a sociedade. Então propus trabalhar o teatro do oprimido como um meio de iniciarmos uma conversa sobre nós e a sociedade, instigando a formação humana e exercendo a expressão e a reflexão.

Queria eu trazer transformação por meio da arte e de suas linguagens. Quando pensava em faixa etária e em alunos que já estivessem prestes a adentrar no meio profissional, conseguia trazer essa turma do sétimo ano para junto da minha pesquisa. A partir da escolha da turma com que aplicaria essa pesquisa, comecei a refletir sobre **como instigar esses alunos do fundamental II a refletirem sobre a linguagem teatral?** No decorrer dessa pesquisa tive experiências com o teatro do

oprimido que me fizeram ter mais certeza do que estava buscando, e tendo a convicção de que o que fazemos com vontade, independentemente do público, ou da sociedade em que estamos inseridos, conseguimos instigar a catarse e instigar a formação humanística.

O senso crítico nada mais é, do que a capacidade de analisar e questionar, de forma racional e inteligente. Então, penso que, na condição de docentes, instigamos alunos a refletirem sobre seu cotidiano, suas produções, e dando-lhes voz para que falem o que pensam, falem e questionem o que desejam. A capacidade de se ter uma formação humana torna-se mais racional.

Examinando formas de instigar esses jovens alunos que já tem esse pensamento mais técnico, voltado para o âmbito profissional, ou até mesmo muito ligado às redes e pouco ligado ao que acontece ao nosso redor, foi que eu trouxe o Teatro do Oprimido, como meio de suprir esses diálogos outrora não realizados.

Como uma linguagem da arte, o teatro vem trabalhar o cotidiano desses alunos, propiciando pensamentos e diálogos que resultam em uma semente da formação humana.

Mas, por que o Teatro do Oprimido como meio de despertar esse olhar humanístico? Acredito que o teatro do oprimido pode transformar, porque o próprio autor diz que busca sempre lutar contra todas as formas de opressão, desenvolvendo sua luta a favor dos explorados e oprimidos. O Teatro do Oprimido é um teatro de cunho político, libertário e transformador. Também porque o Teatro do Oprimido coloca o espectador, como ator, como sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que ele mesmo, espectador, passe a ser protagonista e transformador da ação dramática.

Tendo isso como embasamento, eu trago essa forma de fazer arte para que o processo de transformação ocorra colocando os alunos como espect.-atores de seus próprios cotidianos, suas próprias vivências, fazendo com que se perca sua autonomia, e que gere um ser reflexivo, independente do seu repertório de arte. Gostaria que acontecesse com eles, o mesmo que aconteceu comigo, que em meio a todo o meu repertório ocorra à transformação do ser, tem-se a evolução para um ser pensante, não um ser acabado e nem sempre com suas certezas, mas um ser reflexivo que acredita que a arte pode transformar através de suas várias formas. Por fim, gerando reflexões, com o intuito de que evoluam para a formação humana.

1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa cujo propósito é a formação humana através de experiência de estágio, onde foi abordado o Teatro do Oprimido no sétimo ano do Ensino Fundamental II, na escola EEB Coronel Marcos Rovaris do Município de Criciúma, tem como objetivo geral: Suscitar reflexões acerca do Teatro do Oprimido e em como ele pode vir a contribuir na formação humana dos alunos do Ensino Fundamental II, assim como, problematizar a seguinte questão “Como o teatro do oprimido pode vir a instigar um despertar humanístico em nossos alunos, por meio das aulas de artes?” E como objetivos específicos: Investigar de que modo a linguagem teatral pode vir a contribuir para a formação humana dos alunos do Ensino Fundamental II; Verificar por meio de leituras, o teatro como linguagem artística com o intuito de ser uma linguagem que promova reflexões críticas sobre a valência da arte para o cotidiano dos alunos; Analisar mediante pesquisa de campo, as possibilidades de se trabalhar o Teatro do Oprimido com os alunos e a contribuição humanística que o teatro promove.

Este estudo insere-se na linha de pesquisa Educação e Arte: Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação. Pois será utilizado de princípios metodológicos sobre a arte educação.

A natureza da pesquisa é a de pesquisa aplicada, pois utilizo de aulas de estágio como meio para pesquisa, aplicando o projeto “Teatro do Oprimido: Expressões Culturais”. As linhas de pesquisa irão ser abordadas em uma pesquisa qualitativa, pois com o teatro trabalho essa relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, sendo colocadas de forma descritiva.

Esta é uma pesquisa de cunho exploratório, onde o intuito é ter mais familiaridade com o problema, trazendo levantamentos bibliográficos, entrevistas com discentes, por meio de questionário, e também com rodas de conversa e socialização, instigando sempre a reflexão e a exploração dessa formação humana.

Trago na minha pesquisa o procedimento técnico como cartográfico, pois ela é construída e desenvolvida ao longo de pesquisas que são investigativas, e desenvolvidas em seus processos com o intuito de estimular mudanças.

É um conceito que assume-se implicado com a invenção e a criação, pois permite pensar uma pesquisa das multiplicidades que produz multiplicidades. Desenhar linhas, investigar territórios, perceber as margens e os deslocamentos, criar e estimular mudanças nas possíveis trajetórias. (HONORATO, 2015, p. 20).

Visto que o intuito é o de se aproximar e investigar o objeto de pesquisa, acredito que trago essa multiplicidade que Honorato (2015) apresenta, através do estágio II, que caminha comigo o decorrer desta pesquisa.

Buscando uma linguagem de arte para se apropriar e instigar possíveis alunos transponho com o teatro do oprimido de Augusto Boal, que fez e faz parte da minha vida e me instigou a reflexão. “A arte recria o princípio criador das coisas criadas”. (BOAL, 1991, p. 20).

1.2 PERCORRENDO OS CAPÍTULOS

Essa pesquisa se apresenta em cinco capítulos, sendo o primeiro capítulo a introdução, o despertar das reflexões, e como foi o processo de escolha do tema de pesquisa.

No segundo capítulo trago a formação do professor e o Ensino da Arte, assim como a sua contribuição para a formação humana, para tal dialogo com Marilda Oliveira de Oliveira e Fernando Hernández (2005) com o intuito de refletir sobre a formação do professor e o Ensino das Artes; Discorro com Ivana Lopes e Vitor Hugo Rodrigues (2005) para tratar a sensibilidade desses professores no ensino das Artes Visuais, também trago Ana Mae Barbosa (2007) para se pensar a Arte para a educação, e o papel que ela exerce na formação humana, para dialogar comigo trago também Paulo Freire (1979), e me encontro juntamente com ele e com Eliana Pougy (2012) para tratar essa pedagogia freiriana e os modos de se fazer um diálogo com os discentes. Com o intuito de firmar minhas questões com mais eficácia trago a BNCC (2018) para tratar sobre a aprendizagem em arte e suas significações para os discentes.

Ainda no segundo capítulo, faço um subcapítulo para refletir sobre a formação humana no Ensino Fundamental II. E, para tal, vou ao encontro de Vigotski (1929), quando ele afirma que “precisamos nos humanizar em sociedade” através de Luciane Maria Schindwein (2015) que traz “As marcas da arte e da imaginação para uma formação humana sensível”. Para estabelecer essa relação entre a formação

humana e o Ensino da Arte com o fundamental II. Encontro-me com Ivana Lopes e Vitor Hugo Rodrigues (2005) para trazer o lugar que é a escola e criar diálogos entre a escola e a arte. Busco Maria Isabel Leite (2008) para firmar meu pensamento sobre o diálogo com o nosso torno e nossa realidade, também através dela que trago Lancri (2002), para dar profundidade a arte e relacionar com a BNCC (BRASIL, 2018).

No terceiro capítulo, discorro sobre o Teatro do Oprimido como meio de propiciar um despertar humanístico, no qual tenho como base para minha escrita reflexiva, autores como o próprio Boal, em seu livro “O Teatro do Oprimido e Outras Políticas Poéticas” de 1991, que retrata as técnicas do Teatro Oprimido e uma breve parte de sua história. Também autores de monografias que trabalharam Boal e as suas técnicas, como Roberta Scatolini (2012) que traz “Um estudo da contemporaneidade com educadores: uma experiência com o Teatro do Oprimido”, Izaías Almada (2012) que traz uma breve biografia de Augusto Boal com o título “Boal: Embaixador do Teatro Brasileiro” e também um discurso de Boal que reflete muito minhas questões.

Diálogo com os Cinco Oprimidos (2017) que é um blog voltado a apresentar o TO, então os trago para apresentar como o TO se disseminou pelo mundo hoje e em que cunho vem sendo trabalhado. Trago agora William Berger (2012), para apresentar a árvore do teatro do oprimido e duas técnicas do TO.

Englobando tudo sobre minha fala em relação ao teatro do oprimido, trago um subcapítulo do “Teatro na Arte”, onde me encontro primeiramente com a Base Nacional Comum Curricular (2018) para trazer argumentos a cerca da linguagem teatral, logo me encontro com Illeris e Arvedsen (2012), para tratar o visual do teatro e com Edith Kormann (1996) para trazer o teatro como a cultura visual do observado e pode ser um dos meios de comunicação do homem. Lilian Fleury Dória (2012) foi trazida para minha escrita para me auxiliar nos territórios que a arte transita. E ao findar o subcapítulo trago os PCN (1998) para se refletir acerca do que o teatro promove e as relações com a tão citada formação humana.

No capítulo seguinte, trago as análises, onde descrevo um relato da experiência do estágio realizado com o sétimo ano do Ensino Fundamental II da EEB Coronel Marcos Rovaris, durante o percurso de escrita dessa pesquisa, assim como questionários respondidos por alguns alunos da mesma turma. No presente

capítulo me encontro novamente com os autores para juntos refletirmos as questões encontradas durante essa experiência de campo.

Posteriormente, no quinto capítulo, trago um plano de curso, onde apresento uma oficina para professores. Intitulada “Reflexões sobre a formação humana dos discentes a partir da linguagem teatral, com ensaios e enfoque em Teatro do Oprimido de Augusto Boal”. Partindo do ponto onde considero o Teatro do Oprimido uma grande fonte de despertar humanístico em nossos jovens alunos.

Finalizo a presente pesquisa com a conclusão, reafirmando meus pensamentos e trazendo significações sobre o Teatro do Oprimido e seu despertar humanístico na arte.

2. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O ENSINO DA ARTE – E SUA CONTRIBUIÇÃO NA FORMAÇÃO HUMANA

Nesta pesquisa que vem sendo realizada, venho conhecendo alguns autores que me fazem refletir e questionar tanto sobre a formação dos jovens, quanto sobre a minha formação. Em meio as minhas leituras encontro com Oliveira onde ela afirma que “Ele é competente quando consegue articular os diferentes saberes e dar significado ao que ensina. (OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2005, p. 66)”. Quando Oliveira e Hernández trazem esses escritos, estão falando da competência do profissional professor e ele enquanto formador de futuros docentes, agora estagiários e acadêmicos. Mesmo que em meio a essa narrativa, tal ponto é uma questão que devemos nos preocupar de todo modo, pois nos leva a refletir em que quesito nos encaixamos. Seremos profissionais competentes? Profissionais estes que conseguem articular e dar significado ao que está passando aos seus discentes?

Quando leio esse “dar significado ao que ensina” não é muito difícil questionar a formação humana dos jovens e relacionar totalmente ao meu compromisso com eles. “O profissional precisa de tempo para trabalhar sua competência, precisa experimentar, ousar, planejar, rever, refazer.” (OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2005, p. 66). Compreendo que essas competências vão se adquirindo ao longo dos anos, são essas, as experiências que vamos e estamos tendo em sala de aula, mas me pego questionando em relação a minha competência enquanto docente iniciante. A formação que recebemos como professor de artes é o suficiente para plantar essa sementinha de formar seres críticos, dando significado ao que ensinamos, fazendo com que a formação humana tenha mais um ponto de partida, em crescimento nos nossos alunos?

Ana Mae Barbosa (1991) concretiza seu pensamento no texto da nova, mas não tão nova assim, da Lei de Diretrizes e Bases, nº 9.394/96 “[...] Que ela realmente trabalhe na construção da identidade do indivíduo, que provoque reflexões intensas e constantes. (OLIVEIRA; HERNÁNDEZ, 2005, p. 66-67).

Após devanear sobre essa formação humana e em como o professor pode buscar aderir novas formas de incentivar essa construção de ser, provocando essas reflexões intensas e constantes que Ana Mae propõe, acredito na condição de universitários somos postos a prova toda hora, e enquanto curso de Artes Visuais Licenciatura, existe uma relação enorme com a catarse, com a estética e com esse

ser contemporâneo, que questiona e busca saber o novo, sem acuidade. Pois, enquanto estamos no âmbito formador, estamos nos fazendo seres humanos.

Existem, de forma geral, esses, questionamentos, pois enquanto professores de Arte somos almeçados como propiciadores de momentos memoráveis e práticas diferenciadas, Lopes e Rodrigues (2005, p. 216 – 217), contribuem com esta fala ao afirmar que: “Ainda se espera que ele se torne um professor que saiba formar, em seus colegas e alunos, momentos inesquecíveis de curiosidade, criatividade, descobertas e invenções recíprocas.”.

A partir desse pressuposto, tem-se uma grande cobrança por parte do acadêmico em relação a sua formação e ao ensino das artes. E não se faz por menos a importância de buscar sempre adquirir novos conhecimentos, partindo da identidade de cada aluno e do que o cerca, para que tudo esteja interligado e para que o incentivo de descobrir novos repertórios parta do conhecido deles.

Ser professor é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico. (FUSARI, FERRAZ, 1993, p. 49 apud LOPES E RODRIGUES, 2005, p. 217).

Tenho experienciado essa formação humana desde que ingressei no nível superior por meio do curso de Artes Visuais, então acredito que enquanto docentes, os jovens acadêmicos do curso tem sido expostos a diversos recursos, através dos estágios e das aulas, e tais experiências nos fazem questionar, sobre o que teremos para nossos futuros alunos? O que podemos transmitir a eles? Lopes, Rodrigues (2005, p. 216 - 217), afirmam ainda que: “[...] as ações docente e discente podem ser direcionadas para a criação de possibilidades das mais diferentes experiências estéticas que viabilizem diversas percepções de mundo.”.

Então, a partir de tal, afirmo que da mesma forma com que somos expostos a essas experiências, o nosso compromisso com o então aluno deva ser propiciar práticas que despertem um olhar curioso ao mundo que o rodeia, trazendo reflexões que o torne mais atento às percepções estéticas com situações do cotidiano.

Em realidade, estamos quase todo o tempo, estetizando e experienciando, no nosso cotidiano, emoções e percepções estéticas que são dadas, inclusive pela contemplação da natureza, do mais banal, do corriqueiro do

dia-a-dia e que acaba se transformando em um acontecimento único e intransferível. Ao fazermos o recorte estético, a emoção também se faz presente de forma visceral. Eduquemo-nos, pois. (LOPES, RODRIGUES, 2005, p. 219).

Como a citação acima traz, experienciar essas emoções podem ser o início de uma formação humana para nossos alunos, pois mesmo que estejamos trabalhando o cotidiano e sua identidade está indagando novas questões e tornando-os seres mais contemporâneos. Entendo como uma forma clara trabalhar o sentimento e as emoções do dia a dia, um caminho para tecer novos significados.

Mesmo essa competência profissional que Oliveira e Hernández (2005) nos apontam, e mencionado anteriormente nessa escrita, não tendo esse tempo necessário, estamos enquanto acadêmicos sendo instigados o tempo todo, e no caso disseminar o que nos é ingressado seria a melhor forma de colaborar enquanto iniciantes para essa formação humana dos jovens alunos. Convido Ana Mae pra minha escrita, para se pensar a arte para a educação, e o papel dela na formação humana.

A arte na Educação é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento criador individual. Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2007, p. 23).

Após ler essa citação de Ana Mae, analiso as linguagens que podemos nos apropriar para o uso nesse âmbito educacional, e também para que seja uma forma de desenvolver a criatividade de maneira que a percepção da realidade possa vir a ser transformada.

Isso tudo vem ao encontro do que gostaria de abordar nesta pesquisa: O Teatro do Oprimido, como uma linguagem da arte, a fim de perceber tais questões e provocar essas reflexões enquanto formação humana dos alunos.

Trago comigo questionamentos e percepções a cerca dessa tal “formação humana”. Mas buscando saber mais para conseguir me apropriar mais do tema, fui ao encontro de Freire (1979, p. 20), onde afirma que: “[...] a educação deve preparar, ao mesmo tempo, para o juízo crítico das alternativas propostas pela elite, e dar a possibilidade de escolher o próprio caminho.”.

Então com base nessa afirmação de Freire, penso que a formação do ser humano, trago agora para o lado do sensível, seja essa capacidade de formar um

ser crítico, que seja protagonista da sua própria história e também da que terá no mundo, seu papel na sociedade. O Teatro do Oprimido então irá vir mais adiante para auxiliar minha pesquisa enquanto linguagem da Arte para transformação e formação humanística.

Estamos diante de um contexto educacional que traz quesitos profissionalizantes, onde o intuito da educação é somente formar pessoas técnicas e prontas para o mercado de trabalho. Tem-se muito pouca preocupação com os próprios seres humanos, e suas ideias. Tendo isso, de que forma teremos uma educação na sua real função de qualidade se pensar somente por tais lados, se pensarmos em desenvolvermos seres prontos para o mercado em sua forma técnica, sem pensarmos em seu humanismo? Então a Arte e a minha formação, assim como a de diversos acadêmicos e até mesmos professores vem a ser repensada. Vejo o professor de Artes como alguém importante nesta propagação à transformação social, por meio da Arte e de suas diferentes linguagens que podem ser apropriadas para o cultivo construção da formação.

Na Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 191) diz que “A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte.” Mas enquanto estamos inseridos no âmbito escolar, percebemos a deficiência que realmente é. Analisando um pouco mais a escrita da Base Nacional Comum Curricular, podemos perceber o que ela vem trazer em relação ao propiciar aos discentes.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas. (BRASIL, 2018, p. 191).

Tendo isso, penso como deveríamos nos empenhar nesse papel de docentes, a fim de oportunizar aos nossos alunos tais experiências. Mesmo que ao lermos essa citação da Base Nacional Comum Curricular possa nos intrigar um pouco sobre o desempenho da arte em suas vidas, o que venho tratar nesta pesquisa é justamente isso, e a forma de como usar as linguagens da arte a fim de tornar nossos jovens esses seres críticos.

Para termos um início nessa conversa com nossos alunos penso que a pedagogia de Freire deva ser analisada e posta mais em prática, para isso trago Pouguy para esta pesquisa, onde ela afirma que:

A pedagogia proposta por Paulo Freire tem como princípio o diálogo e o respeito pelo educando. Por meio de temas geradores ou de assuntos que mobilizam os estudantes da perspectiva da problematização de sua realidade vivida, a pedagogia freiriana aposta na troca cultural entre educadores e educandos e na reflexão crítica acerca dos conhecimentos a serem ensinados e aprendidos na escola. (POUGY, 2012, p. 41).

E é justamente nesse ponto que trago o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, pois ele irá vir ao encontro dessas problematizações da realidade e colocar os alunos como autores de suas próprias histórias, exercitando a formação humana.

Mas pensando sobre como iniciar o diálogo com esses jovens, segundo a pedagogia freiriana, volto com os anseios em relação ao embasamento por trás da minha fala. Pouguy (2012), afirma que:

[...] os adolescentes possuem um repertório artístico vasto, fruto de suas vivências sociais. Em sua maioria, desenvolvem um gosto estético próprio e, provavelmente, numa mesma turma existem diferentes grupos ou “tribos”, cada qual com sua preferência estética. (POUGY, 2012, p.45).

A autora também traz questões do por que se trabalhar a arte então? Para mim, assim como ela pontua em algumas falas, é uma forma de ampliar o repertório deles, por mais abrangente que seja pela sociedade midiática em que vivemos, devemos ampliar esse repertório com um olhar mais humanístico, e trago a Arte como base por trás desse olhar.

Pouguy (2012, p. 63) afirma meus pensamentos quando diz que “Todos já tivemos a sensação de “transcendência” enquanto ouvimos uma música, olhávamos uma pintura ou assistíamos a um filme.” E para mim, a arte provoca esse despertar, essa fruição, e em meio as pesquisas que venho tecendo, penso que essa sementinha que trouxe no início desta escrita, possa ser plantada com a proposta para a linguagem do Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

2.1 REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO HUMANA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Para conseguir elucidar meus pensamentos, acredito que deva retornar com a formação humana a fim de torna-la mais clara, a maneira como pretendo utiliza-la aos futuros leitores dessa pesquisa.

No texto intitulado: O social e o cultural na obra de Vigotski, Angel Pino dá corpo e forma para o manuscrito escrito por Vigotski em 1929, contribuindo, efetivamente, para compreendermos as bases que sustentam a constituição humana: sua natureza social e seu caráter histórico e cultural. (SCHLINDWEIN, 2015, p. 421).

Quando falo em formação humana, concordo com Vigotski quando afirma que precisamos nos humanizar em sociedade. Schlindwein (2015) nos aponta que:

Uma das grandes contribuições que Vigotski (1896-1934) nos deixou foi a premissa invertida acerca da compreensão da constituição da humanidade no ser humano. Não basta nascer da espécie humana, *homo sapiens*, mas é preciso humanizar-se, algo que só se processa em sociedade. Uma sociedade constituída por homens que se forjam em relações que são sociais, culturais e históricas. (SCHLINDWEIN, 2015, p. 419)

Vigotski traz a formação humana em sociedade como meio de estabelecer relações, e pensando no ensino da Arte penso que ela, a Arte, vem ao encontro do individuo como um meio de trabalhar de forma profunda essa formação humana. De forma com que sejamos instigados a tornarmos sujeitos mais pensantes e reflexivos.

O fazer artístico propicia à pessoa um trabalho completo, envolvendo o intelecto, os sentidos, a emoção e os conhecimentos adquiridos – os já construídos e os passíveis de mudanças. Uma educação pautada nas artes propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. (SCHLINDWEIN, 2015, p. 423).

Minhas concepções vêm ao encontro de Schlindwein, sobre o modo de como a Arte pode vir a contribuir nessa formação humana e de sujeito, pois ela vem explorar os sentidos de forma a aguçar o desenvolvimento e até provocar estímulos à transformação, pois pelas diferentes linguagens da Arte desenvolvemos nossa imaginação e exploramos o nosso sensível, começando assim a refletir sobre o todo a nossa volta.

[...] a arte deflagra o funcionamento de uma rede de funções (percepção, linguagem, pensamento, memória, sentimento) que assume o papel de sujeito da recepção da obra: sujeito que suspende temporariamente o julgamento pragmático da vida para vivenciar a fantasia do artista. (TOASSA, 2011, p. 63 apud SCHLINDWEIN, 2015, p. 423).

Estabelecendo um ponto de ligação entre a formação humana e o ensino da arte no fundamental II, trago Lopes e Rodrigues que evidenciam pontos outrora não percebidos.

A escola é um lugar institucionalizado de desprazer e tédio. Pelo resto de suas vidas, inúmeros seres humanos ficam marcados por dores e traumas. Muitos fogem sem jamais querer voltar ou falar de suas marcas. Numa grande mostra de perda da polidez social e de respeito com as diferenças e com os diferentes de si os lamentos, as queixas, as desculpas e as culpas fazem parte dos discursos ressentidos e repetidos à exaustão por professores, alunos e pais. O contato físico é um grande tabu. A desumanidade permeia as relações. Imaginar outro tipo de humanidade parece sequer ter sentido no ambiente escolar. (LOPES, RODRIGUES, 2005, p. 215).

Em meu âmago senti dor, ao ler essa citação sobre a instituição escola, senti por conseguir perceber pontos reais, fatos que mesmo que não queiramos argumentar ou acreditar, existem. Paro e reflito sobre a formação humana desses jovens que vem sendo esmagados pela sociedade e por eles mesmos. De que forma vamos conseguir trabalhar o repertório e a identidade quando a própria mídia social coloca esses jovens como inferiores? Ao decorrer desta pesquisa discorro com o Teatro do Oprimido de Boal, como forma de trabalhar as problemáticas do indivíduo, como forma de instiga-los trabalhar suas identidades.

“A Arte é, sem dúvida, um dos caminhos, mas ela não caminha só.” (LOPES, RODRIGUES, 2005, p 218). Defendo a arte como o meio de expressão, libertação e transformação. Mas outrora isso seja tudo que almejo: ter um encontro com a racionalidade da cultura desses jovens, penso que por menor que seja o passo, por mais curto que seja o trajeto a ser percorrido nesse caminho, mais humanístico espero que estejamos enquanto docentes, caminhando ao encontro de uma nova visão de mundo, despertando tudo que pudera de sensibilidades positivas. A partir disto que a linguagem teatral pode vir como um viés para intervir e colaborar nessa transformação e quebrar paradigmas já estabelecidos através do Teatro do Oprimido.

No Ensino Fundamental II, ou Ensino Fundamental anos finais como traz nossa Base Nacional Comum Curricular, do 6º ao 9º ano, os alunos estão se desenvolvendo e entrando na fase juvenil, e diante das experiências vivenciadas

digo com mais convicção de que estes alunos já possuem um repertório bem amplo e estão tão envolvidos em suas vidas e na mídia social que não tem tirado tanto tempo, ou nenhum para exercitar o sensível. Porém, as linguagens da Arte se inserem com o objetivo de propiciar esse despertar humanístico, e “dialogar com a realidade talvez seja a definição mais apropriada de pesquisa, porque a apanha com o princípio científico e educativo. [...]” (Demo, 1990, p. 44 apud Leite, 2008, p. 28).

Penso nessa relação quando trago o teatro como a linguagem da arte, como essa cultura de imagem viva a fim de promover uma inserção e reflexão justamente nessa sociedade onde eles habitam.

[...] a educação dos sentidos e da percepção amplia nosso conhecimento de mundo, o que vem reforçar a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas. (LANCRI, 2002, p. 21 apud LEITE, 2008, p. 29).

Dialogo com Lancrri (2002), e trago as seis dimensões de conhecimento que a Base Nacional Comum Curricular traz para a educação de arte, que são: A criação, a crítica, a estesia, a expressão, a fruição e a reflexão. Como futura professora de Arte e pesquisadora, não percebo melhor forma de integrar essas seis dimensões para a educação do Ensino Fundamental, e ensino geral, como a arte e suas linguagens, linguagens essas que, segundo Lancrri (2002), torna as coisas mais profundas, como trazer o teatro para junto dessa forma de expressão e fruição.

Concluo minha linha de pensamento neste capítulo firmando que tenho a convicção e a crença de que a arte pode transformar, provocar e instigar uma formação humana em nossos jovens alunos.

“A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.” (BRASIL, 2018, p. 191). Portanto, trago a seguir o teatro como uma manifestação artística a fim de promover essas vivencias como criadores, ou espect-autores.¹

¹ Espect-autores é uma palavra originada do diretor e dramaturgo Augusto Boal, é o nome cujo significado é a junção de espectador e ator. Para Boal todos somos atores, e todos somos também espectadores, outrora somos espetc-autores.

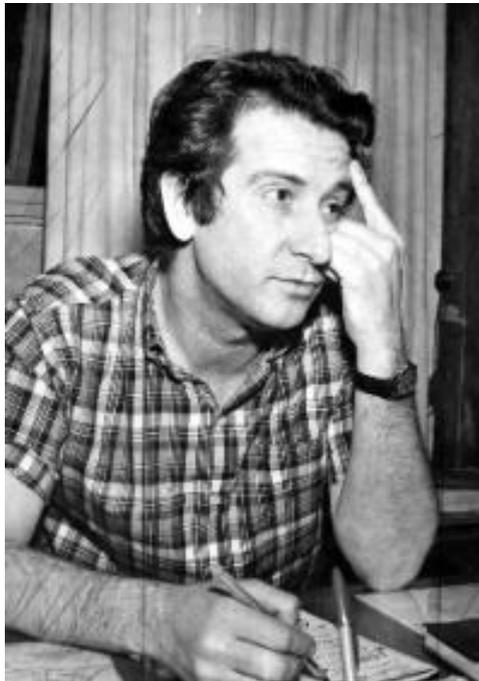
3. O TEATRO DO OPRIMIDO COMO MEIO DE PROPICIAR UM DESPERTAR HUMANÍSTICO.

Para dar início a minha escrita a cerca do Teatro do Oprimido, dessa metodologia que une o teatro com ação social e com o todo a nossa volta, desejo apresentar seu criador e incentivador, Augusto Pinto Rodrigues Boal.

Augusto Boal iniciou sua trajetória de teatrólogo no Brasil no ano de 1953, em São Paulo, como diretor da Companhia de Teatro de Arena (1953-1972). Foi na interação com diferentes públicos, de diversos lugares, que concebeu gradativamente as ideias do Teatro do Oprimido (TO). (SCATOLINI, 2012, p. 31).

Nascido em janeiro de 1931 e falecido em maio de 2009. Formou-se em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e cursou Direção e Dramaturgia na Universidade de Columbia em Nova York, nos Estados Unidos nos anos de 1950.

Imagem 01 - Fotografia de Augusto Boal



Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/augusto-boal.html>

Boal “[...] foi um encenador, dramaturgo, ensaísta, escritor, político, teórico, revolucionário.” (ALMADA, 2012, p. 06). São tantas as palavras para definir e apresentar esse grande homem, que até hoje é lembrado, por ser um homem que

trouxe uma forma de expressão e de transformação social, que nessa pesquisa vem a ser uma linguagem de Arte que propicie esse despertar humanístico nos alunos.

Boal foi o “Criador e incentivador do Teatro do Oprimido, Augusto Boal se tornou com ele conhecido mundialmente e tal reconhecimento lhe valeu, em 2008, a indicação para o prêmio Nobel da Paz.” (ALMADA, 2012, P. 06).

Nessa ocasião, Boal fez um discurso que exprime meus pensamentos e reflete minha honra em pesquisar esse grande artista.

“Todas as sociedades humanas são espetaculares no seu cotidiano, e produzem espetáculos em momentos especiais. São espetaculares como forma de organização social, e produzem espetáculos como este que vocês vieram ver.

Mesmo quando inconscientes, as relações humanas são estruturadas em forma teatral: o uso do espaço, a linguagem do corpo, a escolha das palavras e a modulação das vozes, o confronto de idéias e paixões, tudo que fazemos no palco fazemos sempre em nossas vidas: nós somos teatro! Não só casamentos e funerais são espetáculos, mas também os rituais cotidianos que, por sua familiaridade, não nos chegam à consciência. Não só pompas, mas também o café da manhã e os bons-dias, tímidos namoros e grandes conflitos passionais, uma sessão do Senado ou uma reunião diplomática --tudo é teatro.

Uma das principais funções da nossa arte é tornar conscientes esses espetáculos da vida diária onde os atores são os próprios espectadores, o palco é a platéia e a platéia, palco. Somos todos artistas: fazendo teatro, aprendemos a ver aquilo que nos salta aos olhos, mas que somos incapazes de ver tão habituados estamos apenas a olhar. O que nos é familiar torna-se invisível: fazer teatro, ao contrário, ilumina o palco da nossa vida cotidiana. [...]. (BOAL apud ALMADA, 2012, p. 9-10)

Nesse discurso Boal exprime o teatro ao cotidiano, quando afirma que tudo é teatro, é isso é o que me cativou enquanto estudante de Artes Visuais, tornando a nossa capacidade de ver melhor através da ação teatral, tornando-nos capazes de instigar e motivar uma transformação social, do que acontece no nosso dia a dia, e do nosso lado, ou nas mídias.

Augusto Boal, para mim, não é só o criador do Teatro do Oprimido, mais sim um incentivador a formação humana e ao olhar indagador. Boal é um homem cujo interesse de vida era questionar e motivar o humanismo, trabalhando o conhecido e o vivenciado.

“Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira possível” – Augusto Boal (ALMADA, 2012, p. 12).

Ao decorrer de sua trajetória Augusto Boal foi sequestrado, preso e torturado por três meses em 1971, e foi nesse tempo que ele começou a estruturar seus pensamentos acerca do teatro do oprimido, onde utilizou de métodos para manter sua sobrevivência artística, ao percorrer diversos países com suas encenações. Para Boal “O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. (...) Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir” (BOAL, 1996, p.27 apud SCATOLINI, 2012, p. 34).

Boal dirigiu o grupo CTO-RJ em 1986. O CTO (Centro do Teatro do Oprimido) é um grupo que equipa e capacita as pessoas a transformar a sociedade através da arte. Onde discutem e apresentam-se com temas gerados pela nossa sociedade. Hoje o CTORio é uma das casas de Teatro do Oprimido e está na vanguarda de continuar o trabalho de justiça social através do teatro. Ainda vigente, encontramos todas as informações e agendas no próprio site do CTO-RJ.

Boal seguiu firme na ideia de que todos somos teatro, o Teatro do Oprimido é uma metodologia de trabalho político, social e artístico. Então atualmente o TO é trabalhado em diversos países, relativamente para se trabalhar questões sociais e de opressão. Segundo os Cinco Oprimidos (2017):

Atualmente o Teatro do Oprimido é usado por algumas comunidades, dentro do Brasil e também fora, para discutir e tentar solucionar alguns problemas sociais. Na cidade de Chacacayo, no Peru, onde em 1973 Boal desenvolveu o Teatro do Oprimido e o Teatro-Fórum, as técnicas de Boal são usadas por um grupo militante LGBT, para discutirem sobre o preconceito familiar e social para os integrantes desta comunidade. Em 2011 foi dada uma oficina na cidade, organizada com a ajuda de Nuria Frígola, atriz e diretora peruana, e a partir de então o grupo tem usado do Teatro-Fórum para ações e intervenções urbanas com temas tão relevantes como o preconceito que os membros LGBT sofrem. (CINCO OPRIMIDOS, 2017).

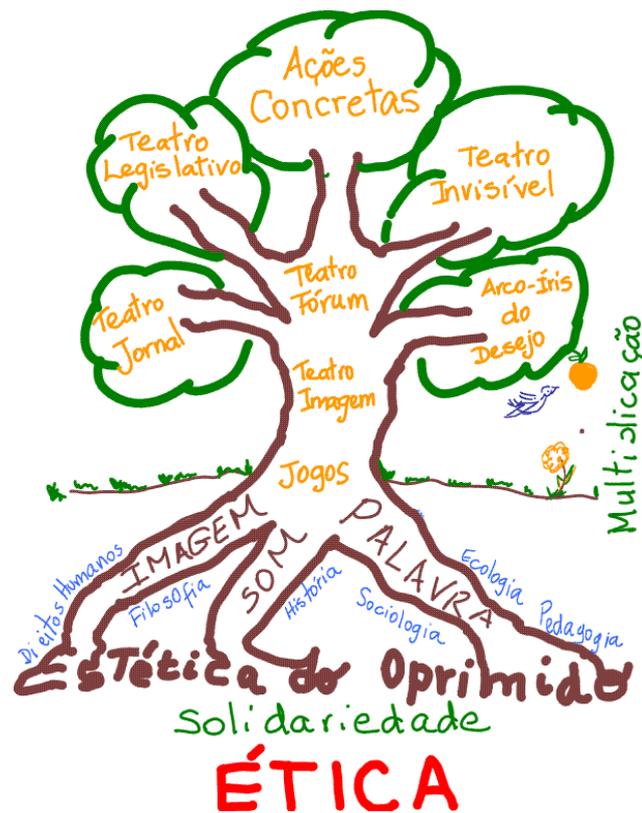
O Teatro do Oprimido vem sendo desenvolvido em diversos países, como em Portugal, na cidade de Faro como um meio, segundo os Cinco Oprimidos (2017) de “[...] sanar os diversos problemas sociais da comunidade, trabalhando como mediador institucional e *tentando* providenciar serviços de bem-estar social, apoiando os habitantes em nível das suas necessidades básicas de saúde e providenciando apoio em assuntos burocráticos.

O Teatro do Oprimido começa sempre pelo alimento de sua árvore que é a Ética e a Solidariedade. Todas as cenas surgem de uma urgência, uma

necessidade do grupo, uma opressão que seus participantes vivenciam e querem discutir com a sociedade. (BERGER, 2012, p. 113).

No teatro do Oprimido, Berger (2012, p. 113), afirma que “O chão, a base que sustenta todas as intervenções do Teatro do Oprimido, é a realidade, consubstanciada na Economia, na Política e na Cultura”.

Imagem 02 - Árvore do Teatro do Oprimido

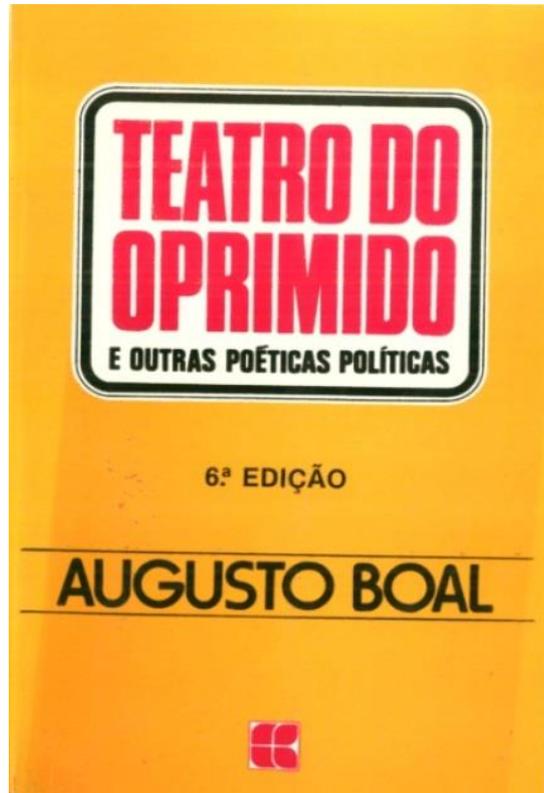


Fonte: O que é o Teatro do Oprimido, 2013.

A “Árvore do Teatro do Oprimido” é um recurso imagético importante para se perceber a pluralidade de técnicas e a riqueza do TO enquanto metodologia de libertação. Cada ramo da árvore do TO corresponde a uma técnica desenvolvida num período específico da vida de Boal, para suplantar limitações e tornar possível a transformação. (CRUZ, 2013).

Augusto Boal é autor de inúmeros artigos e também de ‘O teatro do Oprimido e Outras Políticas Poéticas, Exercícios para Ator e o Não-Ator com Vontade de Dizer Algo através do Teatro e Jogos para Atores Não Ator’, e minha pesquisa se embasam no livro ‘O teatro do Oprimido e Outras Políticas Poéticas’.

Imagem 03 - Capa do Livro de Boal (1991)



Fonte: <https://artenocampo.files.wordpress.com/2013/09/teatro-do-oprimido-e-outras-poc3a9ticas-polc3adticas-1.pdf>

Neste livro Boal apresenta as técnicas do teatro do oprimido assim como escritos que contam a história por traz destas técnicas. Em: 'O Teatro do Oprimido e Outras Políticas Poéticas'. Boal cita que: "O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir aos demais esse conhecimento.". (BOAL, 1991, p. 137).

O Teatro do Oprimido surge pra mim, com esse viés humanístico, onde percebo ser uma linguagem que deva ser exercitada nas aulas de Artes, a fim de promover esse reconhecimento da nossa sociedade e oportunizar, transformar, ou pelo menos instigar o exercício de problematizar nossas causas opressoras.

No teatro de Augusto Boal, o espectador tem papel fundamental na cena, e para que ocorra essa conversão precisamos que quatro etapas segundo Boal:

O plano geral da conversão do espectador em ator pode ser sistematizado no seguinte esquema geral de quatro etapas:
 PRIMEIRA ETAPA – Conhecimento do Corpo – Sequencia de exercícios em que se começa a conhecer o próprio corpo, suas limitações e suas possibilidades, suas deformações sociais e suas possibilidades de recuperação;

SEGUNDA ETAPA – Tornar o Corpo Expressivo – Sequencia de jogos em que cada pessoa começa a se expressar unicamente através do corpo, abandonando outras formas de expressão mais usuais e cotidianas;

TERCEIRA ETAPA – O Teatro como Linguagem – Aqui se começa a praticar o teatro como linguagem viva e presente, e não como produto acabado que mostra imagens do passado:

PRIMEIRO GRAU – Dramaturgia Simultânea: os espectadores “escrevem”, simultaneamente com os atores que representam;

SEGUNDO GRAU – Teatro-Imagem: os espectadores intervêm diretamente, “falando” através de imagens feitas com os corpos dos demais atores ou participantes;

TERCEIRO GRAU – Teatro-Debate: os espectadores intervêm diretamente na ação dramática, substituem os atores e representam, atuam!

QUARTA ETAPA – Teatro como Discurso – Formas simples em que o espectador-ator apresenta o espetáculo segundo suas necessidades de discutir certos temas ou de ensaiar certas ações. Exemplos:

- 1) Teatro-jornal
- 2) Teatro invisível
- 3) Teatro-fotonovela
- 4) Quebra de repressão
- 5) Teatro-mito
- 6) Teatro-julgamento
- 7) Rituais e máscaras

(BOAL, 1991, p. 143-144)

Dentre essas possibilidades de técnicas que Boal traz, colocando o espectador como sujeito atuante. Identifico o teatro-jornal e o teatro-julgamento, ou teatro fórum, como formas, técnicas que podemos utilizar para explorar a formação dos nossos jovens, assim como problematizar as questões sociais.

No teatro de Augusto Boal, os temas geradores são do cotidiano e as questões que cercam o indivíduo como no teatro jornal:

O Teatro Jornal foi desenvolvido inicialmente pelo grupo Núcleo de Teatro de Arena de São Paulo, do qual Boal foi diretor artístico desde 1956 até 1971, quando foi exilado pela Ditadura Militar no Brasil. “[...] Consiste em diversas técnicas simples que permitem a transformação de notícias de jornal ou de qualquer outro material não-dramático em cena teatral” (BOAL, 1991, apud BERGER, 2012, p. 110).

O teatro jornal foi utilizado por Boal em uma experiência no Peru, onde foram utilizadas algumas formas “mais acabadas” segundo Boal (1991), sendo elas:

- a) *Leitura simples* – a notícia é lida destacando-se do contexto do jornal, da diagramação, que a torna falsa ou tendenciosa – isolado do resto do jornal readquire sua verdade objetiva;
- b) *Leitura cruzada* – duas notícias são lidas de forma cruzada, uma lançando nova luz sobre a outra, e dando-lhe uma nova dimensão;
- c) *Leitura complementar* – à notícia do jornal acrescentam-se dados e informações geralmente omitidos pelos jornais das classes dominantes;
- d) *Leitura com ritmo* – a notícia é cantada em vez de lida, usando-se o ritmo mais indicado para se transmitir o conteúdo que se deseja: samba,

tango, canto gregoriano, bolero, de tal forma que o ritmo funcione como verdadeiro filtro crítico na notícia, revelando seu verdadeiro conteúdo, oculto nas páginas dos jornais;

e) *Ação paralela* – paralelamente à leitura da notícia, os atores mima ações físicas, mostrando em que contexto o fato descrito ocorreu verdadeiramente; ouve-se a notícia e, ao mesmo tempo, vêem-se imagens que a contemplam;

f) *Improvisação* – a notícia é improvisada cenicamente, explorando-se de todas as suas variantes e possibilidades;

g) *Histórico* – a notícia é representada juntamente com outras cenas ou dados, que mostrem o mesmo fato em outros momentos históricos ou em outros países, ou em outros sistemas sociais;

h) *Reforço* – a notícia é lida, ou cantada, ou bailada, com a ajuda de slides, jingles, canções ou material de publicidade;

i) *Concreção da abstração* – concreta-se cenicamente o que a notícia às vezes esconde em sua informação puramente abstrata: mostra-se concretamente a tortura, a fome, o desemprego, etc., mostrando-se imagens gráficas reais ou simbólicas;

j) *Texto fora do contexto* – uma notícia é representada fora do contexto em que sai publicada: por exemplo, um ator representa o discurso sobre austeridade pronunciado por um ministro da economia enquanto devora um enorme jantar; a verdade do discurso fica assim desmistificada: quer austeridade para o povo, mas não para si mesmo.

(BOAL, 1991, p. 165-166)

Também tenho como uma das técnicas significativas para a formação humana o teatro fórum, pois é uma técnica em que “[...] a plateia intervém e modifica a cena” (BERGER, 2012, p. 111). A essa forma, o autor diz que “se chama Teatro Fórum e é uma das formas que se desenvolveram a partir das etapas iniciais do método. Serve para discutir de forma crítica e participativa as opressões que são vividas no cotidiano.” (BERGER, 2012, p. 111).

A técnica do teatro fórum surgiu em uma oficina de teatro no Centro de Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, no ano de 2006, da seguinte maneira:

[...] surgiu de uma situação em um grupo quando uma participante trouxe para o encontro algumas cartas que o marido guardava, cartas essas de sua amante. Como ela não sabia ler e escrever ele sempre a enganava dizendo que eram recibos do terreno que estavam comprando. Sempre que se aproximava do marido para conversar, esse, nervoso, mandava ela servir rapidamente o jantar. Ela então levou a situação para o grupo ajudá-la a resolver. Criou-se uma cena de TO e levaram a situação de opressão a público. Uma mulher da plateia se indignou muito e indicava aos atores como queria que fosse a intervenção. Só que nenhum dos atores e atrizes faziam da forma como ela desejava.

Então, após algumas tentativas, quando a mulher da plateia já ia desistindo e saía chateada do encontro, Augusto Boal a indagou por que ela estava se retirando. E a chamou então para subir e ela mesma fazer a cena do jeito que queria. E ela subiu, executou a cena no lugar da atriz, abriu o jogo com o marido, deu – lhe uma surra, o perdoou, e o colocou para servir o jantar. E assim surgiu a primeira intervenção do tipo Teatro Fórum, onde o próprio público é convidado a subir ao palco para realizar a intervenção na realidade que está sendo retratada na cena teatral. Um verdadeiro ensaio

para a realidade mesma. O Teatro Fórum vem sempre para responder a uma questão ou um problema que o oprimido e/ou o grupo ainda não sabe como resolver. (BERGER, 2012, p. 115).

Pressuposto as técnicas e formas de teatro, de Augusto Boal, posso citar a importância de colocar o espectador como ator da ação que vem sendo realizada, pois quando o indivíduo se torna participante de sua própria vivência, da sua problemática, um novo olhar pode ser instigado, um olhar que outrora não era percebido, pois estava o indivíduo apenas como apreciador, espectador, e a partir do momento que é colocado como ator, acredito que reflexões vem a tona.

Penso que na escola o teatro do oprimido pode vir a contribuir positivamente, pois o aluno tentará solucionar as questões e problematizações que o cercam, já que o intuito é estimular o diálogo, se nossos alunos conseguirem colocar-se em questões onde o diálogo com o outro, com o espectador no caso, solucione os problemas, acredito que o Teatro do Oprimido irá fazer com que reflitam qual a melhor saída, levando isso para eles mesmos, na construção de identidade e na formação mais humanizada deles, de modo que, se tornem seres mais contemporâneos e problematizadores, seres que sejam mais pensantes, e críticos sobre o que nos cerca, a fim de que não apenas abaixem a cabeça mediante a fala do próximo, ou do sujeito que esta no topo, mais que contribuam com suas opiniões e reflexões.

2.2 A PRESENÇA DO TEATRO NA ARTE

Para iniciar a pesquisa sobre o teatro e a presença dele na Arte e na minha formação em Artes Visuais, trago a Base Nacional Comum Curricular, onde afirma que:

No Ensino Fundamental, o componente curricular Arte está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o Teatro. Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir, exteriorizar e refletir sobre formas artísticas. A sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte. (BRASIL, 2018, p. 191).

Pressuposto onde nos deparamos com o teatro sendo uma das linguagens da arte, é fácil questionar o porquê de se trabalhar o teatro e ao invés disso facilitar essa pesquisa enquanto artista visual e educadora em formação, trazendo um

movimento artístico que deva exercer essa formação humana que tanto indago sobre a formação dos alunos que venho tratando.

Opto por trazer a seguinte questão, o que tem de visual no teatro? Encontro-me com Illeris e Arvedsen (2012), quando citam questões a cerca da cultura visual, e trabalham duas noções vigentes que tem como o intuito melhor estruturar as questões da pedagogia da cultura visual, essas noções são:

Os fenômenos visuais abarcam tudo aquilo com que decidimos nos relacionar de forma consciente por meio da visão, como imagens, objetos, paisagens, espaços públicos e privados, etc. (ILLERIS, ARVEDSEN, 2012, p. 285).

Eventos visuais referem-se às interações complexas que se estabelecem entre o observador e o observado. Tais eventos são sempre geográfica, histórica, social e culturalmente situados, bem como sempre implicam modos específicos de ver (olhares). (ILLERIS, ARVEDSEN, 2012, p. 285).

Desse modo, considero o teatro um evento visual da cultura artística, pois o que pode ser mais visual do que uma encenação teatral? Illeris e Arvedsen (2012, p.297) trazem o simples fato de assistir a um noticiário na televisão como um desses eventos quando cita “um observador vê um objeto (a tela da TV) que reproduz uma representação (a transmissão) em um contexto espacial (a sala)”. Mais adiante afirmam que “Ao ver as notícias na tela, mediante as convenções visuais de minha cultura, permito-me fazer do falante o objeto de meu olhar. (ILLERIS, ARVEDSEN, 2012, p. 297).” Ou seja, comentar e expressar reações acerca do observado, e tenho o teatro exatamente como uma forma de expressar essas reações. Kormann (1996, p. 11), diz que “[...] A arte está profundamente incorporada ao processo real da percepção, pensamento e ação corporal, estando presente em tudo o que fazemos para agradar os nossos sentidos.”

Quando Kormann (1996) afirma esses processos onde a arte está introduzida, entro nessa linha de raciocínio do evento visual, fio-me em como as ações do observado são partes primordiais no teatro. Dória (2012, p. 166) diz que: “A arte transita por um território no qual objetividade, racionalidade e finalidade são aspectos que, muitas vezes, devem ser totalmente desconsiderados para que se crie um espaço de experimentação e liberdade.”

O teatro na educação deve ser assim, primordial ao diálogo e enaltecer as relações culturais dos nossos jovens, para promover a formação humana que tanto foi citada no capítulo anterior a este.

Retomando minha linha de raciocínio, revendo com Kormann (1996, p. 11) quando ela afirma que “o teatro sempre foi um meio de comunicação para o homem e para a sociedade.” Conjeturando essa forma de comunicação que trago o Teatro do Oprimido no Ensino Fundamental II, como citado no capítulo anterior, pois ele virá como uma forma de transformação e formação humana, mais é mais um modo de comunicação entre os alunos, a fim de que eles próprios articulem saberes e compartilhem resultantes possíveis, concordando assim com Kormann (1996) quando diz que “o teatro situa-se nas práticas educativas e se volta para a formação da personalidade do educando”. Considerando isso julgo o teatro como uma forma de representar e formar conjunturas que valorize a apropriação da própria ação, tornar os espectadores em autores irá torná-los seres instigados a refletir sobre seus dilemas e decisões, a fim de propiciar novas maneiras de dialogar com o próximo com o intuito de contribuir com si próprio e a sociedade, no teatro fórum de Boal, por exemplo, que descrevi anteriormente.

Segundo Piaget, “é pela expressão livre que a criança consegue apossar-se do seu “EU”, inserindo o que sente e o que pensa no mundo de realidades objetivas e comunicáveis que constitui o universo material e social. (KORMANN, 1996, p. 12).

A fim de discutir com mais profundidade a linguagem do teatro e sua propriedade na arte, Encontro nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, Ensino Fundamental (1998), que:

O teatro promove oportunidades para que adolescentes e adultos conheçam, observem e confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, operando com um modo coletivo de produção de arte. Ao buscar soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano (BRASIL, 1998, p. 88).

Pensando nessa construção do ser, e no teatro como experiência de promover a formação humana, compartilhando sentimentos, ideias e ideais, busco as questões pontuadas nos PCN de Arte, que trazem o teatro como uma possibilidade de compartilhamento e socialização dos jovens alunos, o teatro segundo o PCN (1998) é um meio de descobertas, ideias e sentimentos.

Usufruindo dessa questão encontrada nos PCN de Arte, penso que esse compartilhamento de ideias e todo o conjunto de fatores que o teatro vem a

oportunizar nas aulas de arte, seja um fator primordial quando se trabalhada a formação humana com os discentes, pois:

A experiência do teatro na escola amplia a capacidade de dialogar, a negociação, a tolerância, a convivência com a ambigüidade. No processo de construção dessa linguagem, o jovem estabelece com os seus pares uma relação de trabalho combinando sua imaginação criadora com a prática e a consciência na observação de regras. O teatro como diálogo entre palco e platéia pode se tornar um dos parâmetros de orientação educacional nas aulas de teatro; para tanto, deverá integrar-se aos objetivos, conteúdos, métodos e avaliação da área (BRASIL, 1998, p.88).

Quando penso em Arte, reflito sobre suas diversas formas de manifestações, como a fotografia, a música, a dança, a pintura, o desenho, a gravura, a serigrafia, entre tantas outras práticas diferenciadas e que não perdem em nada no seu modo de expressão, trago o teatro como esse modo de comunicação, pois em uma pintura, por exemplo, se tem uma dificuldade maior de comunicação, analiso o teatro como uma maneira mais simples de tornar o diálogo presente. Reencontro com meus pensamentos quando Dória (2012) pontua que:

Os seres humanos são seres narrativos, e é essa necessidade de contar histórias, de interpretar a realidade, de representar sentimentos, de dar voz a um grupo, de tornar palpável fragmentos do nosso imaginário que constitui a essência da arte teatral. (DÓRIA, 2012, p. 16).

Reunindo todas essas questões acerca do teatro como linguagem da Arte, concluo meus pensamentos acreditando que é oportunizando situações como essas, como o teatro, que podemos começar a entender nossas crianças, adolescentes, jovens e adultos. Seja com teatro de fantoches, teatro falado, teatro em mímica, teatro improvisado, oportunizar o autoconhecimento é algo grandioso, e esse evento visual que é o teatro deve ser posto mais em prática nas aulas de Artes.

No próximo capítulo trago a minha experiência do estágio no qual utilizei o teatro do oprimido na metodologia com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental II. A ideia de trabalhar esse tema no estágio se deu não apenas como o intuito de utilizar em minha pesquisa de conclusão de curso, mas principalmente por ter conhecido o Teatro do Oprimido durante a graduação e ter me apaixonado por essa forma de trabalhar o teatro na escola, pois foi através desta experiência que eu me percebi e me encontrei como Professora de Arte.

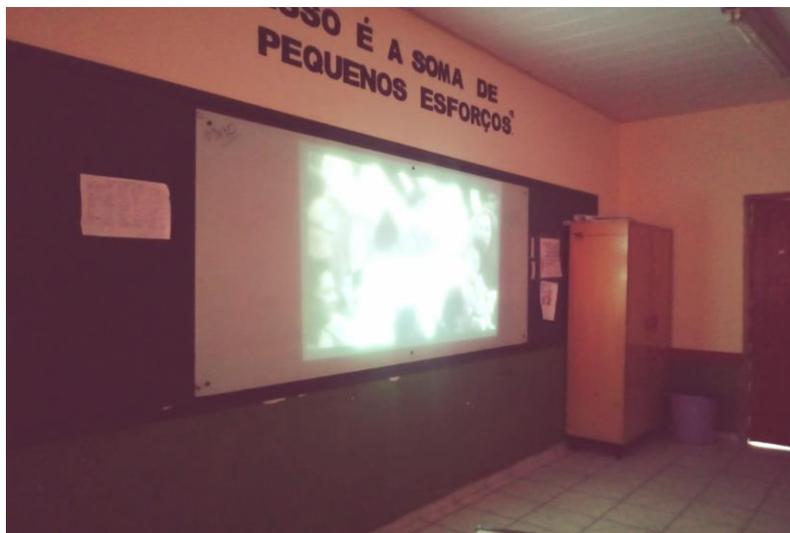
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Trago como análise desta pesquisa a minha experiência com o Teatro do Oprimido com uma turma do sétimo ano do ensino fundamental II. Foram 12 horas sendo que foram 04 horas de observação e 08 horas de atuação, onde trouxe como proposta o teatro durante o semestre presente, no período de 29 de agosto á 07 de novembro. A turma possui vinte alunos, porém ao decorrer dos encontros teve algumas ausências, por exemplo, no dia da aplicação do questionário apenas dezessete alunos presentes. Os autores que estão presentes comigo nessa escrita são Leite (2004), Schlindwein (2006) e o PCN de Arte (1998).

Em um primeiro momento os alunos se mostraram resistentes às práticas propostas, mas no decorrer dos encontros, eles foram se tornando mais participativos, embora alguns continuassem com dificuldades de se expressar.

No primeiro encontro com os discentes, apresentei o Teatro do Oprimido, o seu percursor Augusto Boal, assim como as técnicas trabalhadas por ele. Trouxe para os alunos o improviso por meio do teatro e iniciei uma roda de conversa acerca do nosso dia-a-dia. A explicação foi através de um texto impresso intitulado: “O teatro do Oprimido” de Lindomar Araújo, que entreguei aos alunos (anexo B). Também foi passada a eles, uma mostra de vídeos, sendo esses: Teatro jornal (anexo C); Teatro fórum (anexo D) e um vídeo sobre improviso, do grupo “barbixas”, intitulado Improvável – mortes improváveis 14 (anexo E).

Imagem 04 – Mostra de vídeo com a turma do 7º ano do Ensino Fundamental II



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 05 – Mostra de vídeo com a turma do 7º ano do Ensino Fundamental II



Fonte: Arquivo Pessoal

No segundo encontro trouxe o improviso por meio do jogo das profissões, como meio de os alunos se soltarem e serem instigados a se expressarem com mais desenvoltura. Essa foi uma experiência diferenciada para eles, no início tive um pouco de dificuldades para que eles se tornassem ativos na prática, porém com o auxílio de duas meninas, chamadas Emanoela dos Santos e Anelize da Silva, que iniciaram as práticas, seus colegas foram tornando-se participantes.

O jogo das profissões consistia em cada aluno escrever uma profissão em um papel que lhes entreguei, já em outro papel tinha que escrever um lugar, por exemplo: praia, igreja, escola. Tendo feito isso, cada aluno sorteou das caixas, um lugar e uma profissão, que, por meio de 'mímica' e 'improviso', tinham que realizar a cena para que os outros colegas descobrissem do que se tratava. Essa atividade serviu para que os alunos iniciassem um processo de conhecimento do improviso, e começassem a se tornar ativos e participantes.

Não foram todos os alunos que participaram da representação, porém todos os alunos tornaram-se ativos em dialogar com a cena e tentar descobrir qual a era a profissão e o local sorteado. Foi uma prática diferente do que estavam acostumados, então no início foram resistentes, e isso é comum, tudo que é novo causa

estranhamento, porém é visto que esta prática aproximou os alunos do teatro e facilitou o convívio para as próximas atividades.

Imagem 06 – Jogo das profissões, técnica de improviso através de mímica.



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 07 – Jogo das profissões, técnica de improviso através de mímica.



Fonte: Arquivo Pessoal

No próximo encontro, trabalhei com eles o 'Teatro Jornal', onde inicialmente dei a eles um texto intitulado 'O Teatro Jornal', escrito por Lindomar Araújo (anexo F), como meio de terem um registro e uma referência por traz da prática que faríamos a seguir.

Para facilitar a representação com o Teatro Jornal, levei aos alunos notícias da semana de nossa região, também com o intuito de estimular indagações acerca do que tem ao nosso redor. Também levei gêneros teatrais, sendo eles: Comédia, drama, mímica, musical, clown (palhaço), infantil, monólogo e fantoche vivo. A turma foi dividida em três grandes grupos, onde tais grupos precisavam trabalhar o texto que foi entregue a eles anteriormente, e escolhessem uma possibilidade de trabalhar o teatro de Boal. Assim foi feito, um grupo escolheu a improvisação e tirou o gênero infantil, outro grupo trabalhou com a leitura simples e tirou o gênero monólogo, já o terceiro e último grupo escolheu a ação paralela e tirou a mímica como gênero teatral.

Essa prática teve diversas dificuldades, mais ao decorrer da apresentação dos colegas escolhido pelo grupo para ir à frente, os outros iam se soltando e participando da ação que estava acontecendo.

Imagem 08 – Grupos para prática do "Teatro Jornal"



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 09 – Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal"



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 10 – Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal"



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 11 – Representantes do grupo em cena de "Teatro Jornal"



Fonte: Arquivo Pessoal

Assim como em todos os nossos encontros na medida em que íamos trabalhando as técnicas de Boal e do TO, íamos discutindo possíveis relações e mudança perante o que estávamos trabalhando, isso ocorreu tanto com o Teatro Jornal como com o teatro fórum, que foi a técnica proposta na aula seguinte.

No encontro que trabalhamos o “Teatro Fórum”, o último encontro, assim como em todos os outros, dei aos alunos uma impressão sobre o tema proposto, esse intitulado “O Teatro-Fórum” por Kelly Cristina Fernandes (anexo G). No Teatro Fórum percebi maior desenvoltura dos alunos com a proposta, perceptível o nível de mudança em como agora conseguem se expressar melhor no Teatro do Oprimido e suas técnicas, o Teatro Fórum consiste em transformar o espectador em ator da ação que está acontecendo, então nessa atividade todos os alunos tiveram voz ativa com as cenas.

Trabalhei o Teatro Fórum da seguinte forma: levei os gêneros teatrais já utilizados no encontro anterior, e desta vez trouxe também fotografias do artista Adriano Mezzari, para representar o local, exemplo este na imagem a seguir.

Imagem 12 – Fotografia do artista Adriano Mezzari - Sem título



Fonte: @adriano.mezzari

Trazer fotografia teve o intuito de estabelecer uma ligação mais forte do teatro com o visual, e isso colaborou para com que os alunos pudessem entrar na cena. O Teatro Fórum foi uma experiência muito boa, pausávamos a cena quando não concordávamos com algo e os alunos, ou seja, os espectadores decidiam o rumo que a cena deveria tomar, percebi nos alunos novos olhares e vontade de tornarem-se participantes ativos. Vi expressão com desejo de ação nessa prática.

Imagem 13 – Cenas de prática da técnica do Teatro Fórum



Fonte: Arquivo Pessoal

Para contribuir com o registro da minha pesquisa, no último encontro entreguei a eles um questionário (apêndice A), com o objetivo de saber o que eles acharam da experiência com o teatro do oprimido em sala de aula. Foram realizadas três perguntas no qual descrevo agora: 1 – Durante nossa experiência com o teatro do oprimido você encontrou alguma dificuldade? Descreva. 2 – Através de nossas experiências você percebe o teatro como uma linguagem artística? Explique. 3 – De que forma você acha que o teatro do oprimido contribui na sua formação humana? Também trouxe aos discentes uma tabela, em forma de coluna, com os termos: Que bom, que pena e que tal, a fim de conhecer suas opiniões pessoais além das perguntas.

Em suas respostas presentes na tabela que havia o termo “Que bom”, todos tiveram a mesma linha de raciocínio, que todos conseguiram apresentar e que foi muito divertido. Já no segundo ícone, no termo “Que pena”, houve falas a respeito de alguns alunos que não participaram, visto que reconhecem que as práticas foram importantes para todos. Finalizando com a sugestão “Que tal” a maioria dos alunos respondeu, que as aulas de Artes deveriam ser mais dessa forma.

Tais respostas dialogam com os PCN de Arte, que enfatizam:

O teatro favorece aos jovens e adultos possibilidades de compartilhar descobertas, idéias, sentimentos, atitudes, ao permitir a observação de diversos pontos de vista, estabelecendo a relação do indivíduo com o coletivo e desenvolvendo a socialização (BRASIL, 1998, p. 88).

Descrevendo agora as respostas das perguntas, trago a questão número um, onde questiono se houve alguma dificuldade durante a experiência com o teatro do oprimido, a grande maioria respondeu que teve vergonha e apenas dois relataram que não tiveram qualquer dificuldade.

Na segunda questão indago aos alunos, sobre suas percepções acerca do teatro como linguagem artística. Muitos relataram que compreenderam que a arte não é apenas desenho, mas sim uma forma de expressão.

Essa atividade que trouxe essa percepção aos alunos vai ao encontro do pensamento de Leite (2004) que afirma que quando o aluno tem acesso a outras linguagens eles passam a se perceber como sujeitos que sentem, agem e se expressam. Por isso, acredito que o teatro trouxe a eles uma experiência que com certeza se tornou significativa para eles como forma de se perceber como sujeito.

Na terceira e última pergunta, sobre a contribuição do Teatro do Oprimido em sua formação humana, os alunos trouxeram e relataram a questão de que o teatro do oprimido tem sim uma cooperação na construção da formação, pois os levaram a pensar e expressar seus sentimentos. Schlindwein (2006, p. 423) traz essa discussão sobre o potencial que a arte tem para que as pessoas tenham um contato com o seu universo de sensações: “A pessoa desenvolve sensibilidade, percepção e imaginação, na medida em que aprecia diferentes manifestações artísticas, atribuindo-lhes significados diversos e podendo, inclusive, transformá-las.”.

Ao concluir meu estágio e minha pesquisa de campo, apesar das dificuldades de conquistar a confiança dos alunos para que viessem se tornar ativos nas práticas, percebo que contribuiu de certa forma para que eles ampliassem sua visão sobre a arte, se percebessem enquanto sujeitos que possuem voz, linguagem corporal que muitas vezes passa despercebida no período em que estão na escola, justamente pela falta de acesso à diferentes linguagens, e nesta proposta, em especial o teatro.

5 PLANO DE CURSO

5.2 TÍTULO: Reflexões sobre a formação humana dos alunos a partir da linguagem teatral, com ensaios e enfoque no Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

5.3 EMENTA: Formação de professores, discussão da linguagem teatral e a cultura das imagens, Artes Visuais – Licenciatura.

5.4 PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA: 8h.

5.5 PÚBLICO ALVO: Professores de Artes do Ensino Fundamental II.

5.6 JUSTIFICATIVA

Durante a presente pesquisa, indaguei-me em diversos momentos quanto a minha formação na qualidade de professora de Artes e em como eu poderia instigar meus futuros alunos a se expressarem e a questionarem o seu redor. Acredito que a formação humana que trago nessa pesquisa é, e deve ser parte integrante do fazer artístico, e enquanto futura docente me preocupo enquanto instigadora de um despertar humanístico.

Ser professor é atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E, para que isso ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber estético e artístico. (FUSARI, FERRAZ, 1993, p. 49 apud LOPES E RODRIGUES, 2005, p. 217).

Pensando nessa pedagogia que a citação acima propõe, que trago o Teatro do Oprimido, pois é uma linguagem artística que possibilita aos alunos uma aproximação e que percebam e olhem o seu redor, seu cotidiano, e partindo de tais aspectos de sua cultura, modifiquem e se tornem autores de suas próprias indagações e problemas.

No estágio II, onde trabalhei o Teatro do Oprimido com o sétimo ano. Com essa experiência pude perceber a dificuldade e o desejo deste despertar nos alunos, encontrei-me refletindo e dialogando com os mesmos a respeito de soluções

possíveis para problemas que encontramos na nossa sociedade atual e nos divertir com ela de um modo que compartilhem nossas angustias e anseios em relação ao que nos envolve. Lopes, Rodrigues (2005, p. 216 - 217) afirmam que: “[...] as ações docente e discente podem ser direcionadas para a criação de possibilidades das mais diferentes experiências estéticas que viabilizem diversas percepções de mundo.”.

Trago uma proposta de oficina intitulada “Reflexões sobre a formação humana dos alunos a partir da linguagem teatral, com ensaios e enfoque em teatro do oprimido de Augusto Boal”. Para professores e professoras de Artes do Ensino Fundamental II, porém, tal proposta pode ser reinventada para ampliar o repertório de professores de outros níveis da Educação Básica.

Considerando a formação dos professores de artes e a possibilidade de incentivar a formação humana em seus alunos, o Teatro do Oprimido vem como um catalisador, como uma vertente artística pela cultura visual que tanto visualizamos em nossa formação.

Para que os professores possam passar o Teatro do Oprimido como uma linguagem artística, proponho nesta oficina uma breve roda de conversa a respeito da cultura visual e da importância do teatro em tal.

Visto que, o TO coloca os espectadores como autores, essa oficina tem como propósito apresentar técnicas e formas de instigar a expressão dos nossos jovens alunos e de catarse a cerca da sociedade e da nossa cultura.

Em realidade, estamos quase todo o tempo, estetizando e experienciando, no nosso cotidiano, emoções e percepções estéticas que são dadas, inclusive pela contemplação da natureza, do mais banal, do corriqueiro do dia-a-dia e que acaba se transformando em um acontecimento único e intransferível. Ao fazermos o recorte estético, a emoção também se faz presente de forma visceral, eduquemo-nos, pois. (LOPES, RODRIGUES, 2005, p. 219).

O intuito desta oficina é propiciar experiência aos professores de artes, colocando-os como espect-autores de modo com que a catarse que seja provocada e instigada neles seja um meio para um despertar humanístico, afim de que se propague tudo o aprendido a seus discentes.

5.7 OBJETIVOS

5.7.1 OBJETIVO GERAL

Possibilitar aos professores do Ensino Fundamental II experiências e diálogos acerca da formação humana dos nossos alunos por meio do Teatro do Oprimido de Augusto Boal.

5.7.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propor possibilidades de trabalhar o Teatro do Oprimido nas aulas de Artes como meio para um despertar humanístico;
- Ampliar o conhecimento e repertório dos professores de Artes do Ensino Fundamental II, através do Teatro do Oprimido de Augusto Boal;
- Experimentar o fazer artístico das técnicas, evidenciando as possibilidades de uso e relações com o cotidiano dos alunos;
- Conhecer a importância do teatro e da expressão através da cultura visual.

5.8 METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO – 2H/A

O encontro se iniciará com a apresentação do Teatro do Oprimido e com seu precursor, Augusto Boal. Apresentarei aos professores as técnicas utilizadas por Boal e um pouco de sua história, assim como realizar uma mostra de vídeos, onde o próprio Boal relata experiências com suas técnicas ao longo de sua trajetória, experiências essas que também encontramos em seu livro 'O Teatro do Oprimido e Outras Políticas Poéticas', de 1991. Onde ele será apresentado aos professores, com o objetivo de que ao findar a oficina procurem saber sobre tal e o utilizem como material de pesquisa.

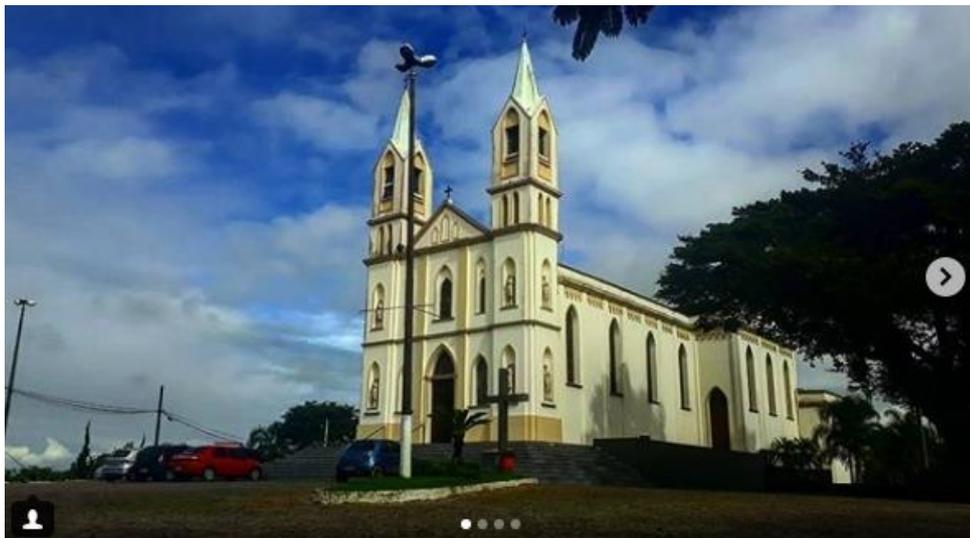
Após essa primeira apresentação, irei passar a palavra a eles, onde os indagarei acerca da turma com que trabalham e as dificuldades que encontram em relação a expressão e ao diálogo, propondo sempre o Teatro do Oprimido, como meio para desmistificar essa relação professor aluno, a fim de que debates sejam gerados a partir do Teatro do Oprimido.

Tendo isso, irei instigá-los a refletirem a cerca da cultura visual, e em como o Teatro do Oprimido se faz parte importante nesse meio, fortalecendo diálogos e debates tendo o que se tem de visual no teatro. Visto que apresentações foram realizadas, partirei para um segundo momento.

SEGUNDO MOMENTO – 2h/a

No segundo momento irei propor uma atividade de improviso, visto que o Teatro do Oprimido de Boal é em grande parte improviso, e com isso temos uma possibilidade de desconstrução na sala de aula. Nesse exercício, irei propor um jogo das palavras, palavras essas que encontramos no nosso cotidiano. Por exemplo: eleições. O jogo ocorrerá da seguinte forma, iremos nos organizar em círculo, e a primeira pessoa sorteará uma palavra e um lugar, lugar esse que será uma fotografia do artista Adriano Mezzari, a fim de trazer mais uma vertente visual para o teatro.

Imagem 14 – fotografia “Sem título” – artista Adriano Mezzari



Fonte: @adriano.mezzari

Com a imagem e a palavra a pessoa iniciará uma história, história essa que será continuada pelo próximo professor, porém introduzindo uma nova palavra à narrativa. O intuito dessa atividade será de soltar mais os professores em relação à arte teatral, e as possibilidades de seu uso em sala de aula, essa mesma atividade poderá ser trabalhada com os alunos do Ensino Fundamental II.

TERCEIRO MOMENTO – 2h/a

Em um terceiro momento, irei dialogar com eles acerca do Teatro Fórum, que é uma das técnicas de Augusto Boal e é a técnica mais conhecida e utilizada em todo o mundo até hoje.

Nesta prática irei propor a eles um diálogo a cerca das questões que nos cercam, sendo que temos que resolver o problema da situação como esta. Por exemplo: a situação atual de corrupção do Brasil. Tendo dialogado, irei propor que escrevam em uma folha a4, que disponibilizarei no momento, um problema atual que nos cerca.

Visto que todos descreveram um problema irei propor uma representação na qual se solucione o problema em questão, sendo que os espectadores, os demais professores, poderão interagir com a cena, propondo diferentes soluções e também participando para que visualizemos todas as possibilidades de soluções para os problemas. Essa atividade tem o intuito de tornar o espectador, um espect.-autor da sua própria história. Também analisar as diferentes possibilidades de expressão a respeito da nossa sociedade, assim como o jogo de palavras, o teatro fórum é uma opção de prática que pode ser realizada com os alunos do Ensino Fundamental II.

QUARTO MOMENTO – 2h/a

Em um quarto momento irei propor um recesso de 30 minutos para lanche, e posteriormente uma roda de conversa, onde os articuladores serão propostos em relação ao uso do teatro do oprimido em sala de aula, e em como o Teatro do Oprimido pode contribuir na formação humana dos alunos, assim como, dialogarmos a respeito da importância da expressão nas aulas de Arte.

Cada professor será convidado a socializar sua visão em relação a importância da formação humana, e os modos com que podemos nos apropriar das

linguagens artísticas para tal. Ao findar a oficina será dado aos professores um folheto que traz as técnicas de Augusto Boal, para que venham recordar do teatro do oprimido como meio de um despertar humanístico.

5.8 REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. TEATRO DO OPRIMIDO E OUTRAS POÉTICAS POLITICAS. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira SA, 1991. 234 p. Disponível em: <<https://artenocampo.files.wordpress.com/2013/09/teatro-do-oprimido-e-outras-poc3a9ticas-polc3adticas-1.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

Lopes, Ivana M. Nicola; Rodrigues, Victor Hugo G. Despertando sensibilidades na formação de professores de artes. In: Oliveira, Marilda Oliveira de; Hernández, Fernando. A formação do professor e o ensino das artes visuais. Santa Maria: Ufsm, 2005. Cap. 14. p. 211-222.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se deu com o intuito de investigar como o Teatro do Oprimido de Augusto Boal pode vir a contribuir como um meio de propiciar um despertar humanístico nos alunos, principalmente do Ensino Fundamental II, que foi o campo onde realizei parte desta pesquisa. Também procurei estabelecer uma relação do teatro como linguagem artística e meio de expressão da cultura visual. Foi analisado também, e de forma muito importante, a formação dos professores de Artes e sua participação como instigadores da formação humana.

Em meio ao meu percurso como pesquisadora me indaguei, por diversas, vezes enquanto professora e instigadora, e o compromisso que terei de ter com eles. O Teatro do Oprimido veio como uma linguagem a ser explorada para o uso da expressão, para instigá-los a tornarem-se seres mais críticos e capazes de reflexão, tendo assim, por consequência a formação humana, ou uma sementinha dela, como já citado nessa pesquisa. A arte possibilita diversas aberturas de reflexões, e do mesmo modo com que cresci durante o curso de Artes Visuais, através de professores, colegas, amigos, e práticas como o teatro, creio que enquanto docente irei vir a ter oportunidades de repassar o que aprendi. Formas de comunicação com o outro, e conosco mesmos.

No primeiro capítulo desta pesquisa, trouxe como tudo começou, e como foi esse processo de ter descoberto o teatro, até ter ele como meu objeto de pesquisa. Já no capítulo seguinte: A formação do professor e o ensino das artes, e sua contribuição na formação humana, neste capítulo trouxe indagações e reflexões acerca dessa profissão, deste profissional professor, e também reflexões acerca da formação humana no Ensino Fundamental II.

No capítulo seguinte trouxe o teatro do oprimido, de Augusto Boal e como usá-lo para um despertar humanístico, assim como neste mesmo capítulo cito o teatro como linguagem da Arte e sua participação na cultura visual. Diversos autores percorreram esse caminho comigo, e embasaram minhas falas com suas escritas, porém essa pesquisa não foi apenas em livros e artigos, foi uma pesquisa de campo.

Visto que essa pesquisa teve participação ativa do estágio II, este orientado pela professora Silemar Silva, que foi importantíssima nesse trajeto chamada Universidade. Enfim, nessa pesquisa de campo tive de perto a experiência de trabalhar o Teatro do Oprimido em sala de aula. Pude adentrar com mais veracidade

neste meio onde me situei e consegui por em prática meu objeto de pesquisa. A experiência com o estágio II foi surpreendente. O Teatro do Oprimido possibilitou diálogos e troca de energias muito boas. Acredito que tenha plantado uma sementinha de catarse neles, pois senti mudança com a turma que iniciei e a turma que finalizei o projeto.

Esta pesquisa tem um lado muito humano, meu na condição de acadêmica, pesquisadora, futura professora, e humana. Fiz parte, mesmo que em um breve momento da vida de alunos do sétimo ano, e consegui ver eles se expressarem através da Arte. Trabalhar o teatro não é uma tarefa fácil, pois se tem muita resistência com os alunos, e até mesmo eu tive enquanto acadêmica no curso de Artes Visuais, porém até mesmo os que não participavam no início se soltaram no decorrer das aulas. E isso torna essa pesquisa um despertar para mim, um despertar humanístico, que tive através do teatro do oprimido, na arte.

O Teatro do Oprimido de Augusto Boal traz consigo o humanismo, combate junto com o autor e o espectador, relata questões acerca da sociedade e coloca todos para tentarem solucionar os aspectos que nos cercam, o Teatro do Oprimido é expressão, uma forma, uma vertente artística que merece ser revisitada. Não consigo pensar em nada mais humano, do que a força de vontade de se expressar, refletir e tentar mudar as coisas, tentar mostrar que sempre tem solução e juntos podemos encontrá-la com mais eficácia.

Quando paro para pensar e refletir em todos os caminhos por onde essa pesquisa passou, percebo uma inquietação em mim, e me vejo enquanto docente, instigando inquietações.

Concluo meus pensamentos com o coração mais aberto, com a convicção de que essa pesquisa percorreu longos trajetos, com a certeza de que muito conhecimento foi adquirido, e com o desejo de buscar mais significado ao que vou ensinar enquanto docente. Visto, que esse objeto que se chama teatro pode promover experiências cativantes, penso que a educação e arte devem ser parte de nós, seres humanos.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Izaías. **BOAL: Embaixador do teatro brasileiro**. 2012. Disponível em: <https://institutoaugustoboal.files.wordpress.com/2012/11/almada_monografia_boal.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

BARBOSA, Ana Mae. Arte/Educação e diferentes conceitos de criatividade. In: ZANELLA, Andréia Vieira et al (Org.). **EDUCAÇÃO ESTÉTICA E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: REFLEXÕES EM CURSO**. Florianópolis: Nup/ced/ufsc, 2007. p. 23-28. Coleção Cadernos CED; v. 12.

BERGER, William. **O Teatro do Poder e o Teatro do Oprimido: formas de resistência e intervenção social em Caieiras Velhas Aracruz, ES (2006-2011)**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação, Serviço Social da Pontifícia, Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRASIL. Base Nacional Comum. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>> Acesso em: 22 de agosto de 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 116 p.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido: E outras poéticas políticas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 234 p.

CRUZ, Joana. **O que é o Teatro do Oprimido?** 2013. Disponível em: <<https://oprima.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

DÓRIA, Lilian Maria Fleury Teixeira. **Linguagem do teatro**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

FREIRE, Paulo. **CONSCIENTIZAÇÃO: Teoria e Prática da Libertação Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. 53 p. [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra].

FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs.). **Educação e Arte: As linguagens artísticas na formação humana**. São Paulo: Papirus, 2008.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **TRAJETÓRIAS CARTOGRÁFICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS DE ARTES: ESPAÇOS DO POSSÍVEL**. 2015. 133 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2015.

KORMANN, Edith. **O teatro na educação artística**. Florianópolis: Lunaderlli, 1996. 99 p.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). **Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ufsm, 2012. 360 p.

MODINGER, Carlos Roberto et al. **Artes visuais, dança, música e teatro:: práticas pedagógicas e colaborações docentes**. Erechim: Edelbra, 2013.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Ufsm, 2005. 232 p.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (orgs.). **Arte, Educação e Cultura**. 2. ed. Santa Maria: Ufsm, 2015. 368 p.

OPRIMIDOS, Cinco. **TO- Teatro do Oprimido**. 2017. Disponível em: <<https://espectator.webnode.com/o-oprimido/>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

POUGY, Eliana Gomes Pereira. **Poetizando linguagens, códigos e tecnologias: a arte no ensino médio**. São Paulo: Sm (somos Mestres), 2012. 160 p.

SCATOLINI, Roberta. **Um estudo da corporeidade com educadores: uma experiência com o Teatro do Oprimido**. 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **AS MARCAS DA ARTE E DA IMAGINAÇÃO PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA SENSÍVEL**. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35nspe/1678-7110-ccedes-35-spe-00419.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM O 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA EEB CORONEL MARCOS ROVARIS DE CRICIÚMA



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA
PROFESSORA RESPONSÁVEL: SILEMAR SILVA
PROFESSORA ORIENTADORA DE TCC: ISABEL DUARTE
PROFESSOR DE ARTES: SADINEI DAGOSTIN
ACADÊMICA: CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA
ESTAGIO II - TURMA: 7º ANO - ESCOLA: EEB CORONEL MARCOS ROVARIS

QUESTIONARIO

<p>QUE BOM...</p>	<p>1. Durante nossa experiência com o teatro do oprimido você encontrou alguma dificuldade? Descreva.</p>
<p>QUE PENA...</p>	<p>2. Através de nossas experiências você percebe o teatro como uma linguagem artística? Explique.</p>
<p>QUE TAL...</p>	<p>3. De que forma você acha que o teatro do oprimido contribui na sua formação humana?</p>

NOME:

DATA:

ANEXO(S)

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.

	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
---	---

AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA

Eu, Cristiane Tereza, no cargo de diretora da EEB Coronel Marcos Rovaris, localizada na Rua Cônego Anibal Maria Di França, nº 10, no bairro Pinheirinho de Criciúma – SC.

Autorizo de forma expressa, o uso e a reprodução da imagem, fala e escrita dos alunos do sétimo ano (turma 73), sem qualquer ônus, em favor da pesquisa da acadêmica Cibele Luiz Borges da Silva do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof. Isabel Cristina Marcilio Duarte, para que a mesma os disponibilize como dados da pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso da imagem, fala e escrita da turma 73, como acima descrito e anexo o documento de uso de imagem presente na instituição.

Local e data: Criciúma 17 de outubro 2018

Assinatura: Cf

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

Cristiane

ANEXO B – “O TEATRO DO OPRIMIDO” DE LINDOMAR ARAÚJO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
PROFESSORA RESPONSÁVEL: SILEMAR SILVA
PROFESSOR DE ARTES: SADINEI DAGOSTIN
ACADEMICA: CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA
ESTAGIO II – TURMA: 7º ANO – ESCOLA: EEB CORONEL MARCOS ROVARIS
TEXTO: O TEATRO DO OPRIMIDO POR LINDOMAR ARAUJO

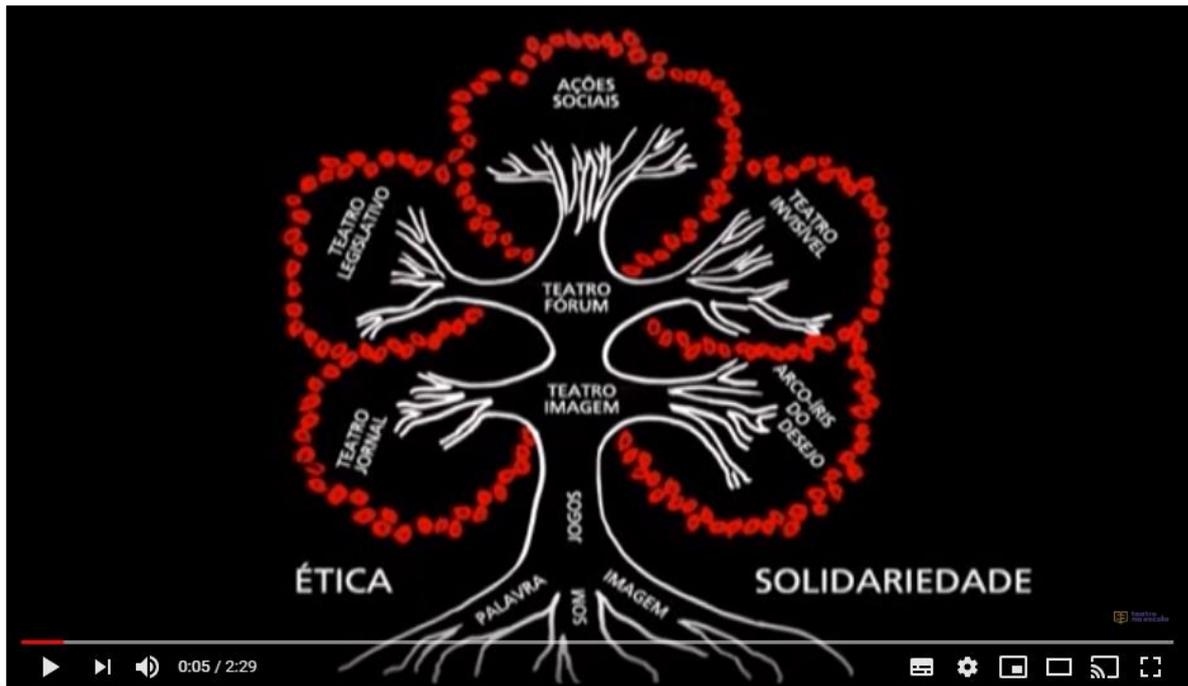
O “Teatro do Oprimido” foi criado pelo dramaturgo, diretor e teórico de teatro Augusto Boal, nascido no Rio de Janeiro em 1931, cujo nome completo é Augusto Pinto Boal. Boal era um carioca que dirigiu centros de teatro na França e no Rio de Janeiro buscou sempre lutar contra todas as formas de opressão, desenvolvendo sua luta a favor dos explorados e oprimidos. Trabalha um teatro de cunho lítico, libertário e transformador.

O “Teatro do Oprimido”, de acordo com o próprio Boal, pretende transformar o espectador, que assume uma forma passiva diante do teatro aristotélico, com o recurso da quarta parede, em sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que ele mesmo, espectador, passe a protagonista e transformador da ação dramática. A ideia central é que o espectador ensaie a sua própria revolução sem delegar papéis aos personagens, desta forma conscientizando-se da sua autonomia diante dos fatos cotidianos, indo em direção a sua real liberdade de ação, sendo todos “espect-atores”.

A poética do Teatro do Oprimido está organizada em diferentes formas/técnicas de ações dramáticas, acrescentando que para Boal o teatro é ação. Dentre suas formas/técnicas utilizadas estão: Teatro-jornal, que é uma técnica que pretende que se transforme quaisquer notícias de jornal, ou qualquer outro material sem propósito dramático, em cenas ou ações teatrais. O Teatro-Imagem que tem a intenção de ensaiar uma transformação da realidade, através do uso da imagem corporal. Ao longo de seu processo é montado um quadro vivo onde os espect-atores são convidados a modificarem as imagens problema para uma situação ideal onde enfim, cria-se a imagem de transição entre o problema e a solução. O “Teatro-Fórum” que é uma técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema, e em seguida propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o então problema apresentado. O “Teatro Invisível”, cuja proposta é a representação de uma cena diante de pessoas que não sabem que estão sendo espectadoras da ação dramática, e precisa acontecer num ambiente diferente do teatral, o mais dentro do cotidiano das pessoas. O “Teatro-fotonovela” apresenta uma forma de desmistificação da Fotonovela, por ser uma literatura direcionada as classes mais baixas da população, isto antes da popularização da TV, e por veicular uma ideologia própria das classes dominantes. E a “Quebra de Repressão” é uma técnica de ensaio para resistência a uma repressão futura. Entre outras técnicas.

Referência: LINDOMAR DA SILVA ARAUJO. *Teatro do Oprimido*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-do-oprimido/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

ANEXO C – VÍDEO TEATRO JORNAL



Teatro Jornal

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Hel7ss7TH60&t=17s>

ANEXO D – VÍDEO TEATRO FÓRUM



O Teatro-Fórum

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IZhlpnSVRUg>

ANEXO E – GRUPO “BARBIXAS”, IMPROVÁVEL – MORTES IMPROVÁVEIS 14

IMPROVÁVEL - MORTES IMPROVÁVEIS #14

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=JwS5kDjPMQ&t=254s>

ANEXO F – TEXTO TEATRO JORNAL POR LINDOMAR ARAÚJO



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
PROFESSORA RESPONSÁVEL: SILEMAR SILVA
PROFESSOR DE ARTES: SADINEI DAGOSTIN
ACADEMICA: CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA
ESTAGIO II – TURMA: 7º ANO – ESCOLA: EEB CORONEL MARCOS ROVARIS
TEXTO: O TEATRO JORNAL, POR LINDOMAR ARAÚJO

O "Teatro-Jornal" foi uma forma de ação teatral desenvolvida por Boal no Teatro de Arena, em São Paulo, no período anterior a sua saída do Brasil por força da ditadura daquele momento. Desde 1956 ele dirigia o teatro de Arena, onde permaneceu por quinze anos consecutivos. Esta técnica pretende que se transformem quaisquer notícias de jornal, ou qualquer outro material sem propósito dramático, em cenas ou ações teatrais. Segue as possibilidades de trabalho com o Teatro-jornal:

"Leitura simples" - destaca-se a notícia que se pretende trabalhar, e faz uma leitura da mesma, de forma objetiva desvinculando-a da ideologia do jornal em que ela se encontra.

"Leitura cruzada" – Busca-se duas fontes da mesma notícia e faz-se a leitura de ambas ao mesmo tempo, de forma que surjam novos olhares.

"Leitura complementar" – Acrescenta-se dados/fatos que foram omitidos na notícia, para direcionar o pensamento do leitor.

"Leitura com ritmo" – A notícia é anunciada pelo canto, escolhendo-se um ritmo musical que funcione como "filtro" crítico do que se está falando.

"Ação paralela" – Cria-se cenas de mímica ou de "fiscalização" paralelamente a leitura da notícia.

"Improvisação" – explorar a maior possibilidade de improvisação de cenas sobre a notícia.

"Histórico" – Apresentar a notícia e encenar, paralelamente, cenas de fatos históricos idênticos a ela, já acontecidos em outros tempos e espaços.

"Retorço" – utilização de canto, dança, retro-projetor, jingles de publicidades e outros artifícios que reforce o que está sendo lido.

"Concreção da abstração" – Busca-se o que está implícito na notícia (normalmente fatos que oprimem) e revela na forma concreta da imagem, através de grafismos ou cenas dramáticas.

"Texto fora do contexto" – Encenar a notícia num contexto ao qual ela não caberia, como por exemplo, um pastor coberto de ouro e com vários seguranças, pregando aos seus fiéis o desapego material.

Referência: LINDOMAR DA SILVA ARAUJO. *Teatro do Oprimido*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-do-oprimido/>>. Acesso em: 14 out. 2017.

Fonte: <https://www.infoescola.com/artes-cenicas/teatro-do-oprimido/>

ANEXO G – TEXTO TEATRO-FÓRUM POR KELLY CRISTINA FERNANDES

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
CURSO DE ARTES VISUAIS-LICENCIATURA
PROFESSORA RESPONSÁVEL: SILEMAR SILVA
PROFESSOR DE ARTES: SADINEI DAGOSTIN
ACADEMICA: CIBELE LUIZ BORGES DA SILVA
ESTÁGIO II – TURMA: 7º ANO – ESCOLA: EEB CORONEL MARCOS ROVARIS
TEXTO: O TEATRO-FÓRUM POR KELLY CRISTINA FERNANDES



3 TEATRO FÓRUM

O Teatro Fórum é uma das técnicas utilizadas no Teatro do Oprimido (TO), que segundo Boal:

O Teatro Fórum – talvez a forma de TO mais democrática e, certamente, a mais conhecida e praticada em todo o mundo – usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de espectadores – são convidados a entrar em cena e, atuando restritamente e não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir, ao grupo ao qual pertence, um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real e não um fim em si mesmo. (BOAL, 2005, p.19)

O precursor do Teatro Fórum foi a dramaturgia simultânea, na qual os atores da peça representavam os problemas propostos pela plateia, bem como as alternativas de mudanças que esta propunha para o conflito.

Boal (2005)²¹ conta que certa vez no Peru, em meados dos anos 70, estava fazendo uma apresentação de dramaturgia simultânea e uma das mulheres da plateia gostaria que sua história fosse representada, mas não sabia se seu problema era político. Ela timidamente disse que era analfabeta e que seu marido estava viajando e no dia seguinte ele chegaria em casa. E que ela havia descoberto o conteúdo das cartas que o marido recebia. A mulher contava que muitas cartas chegavam para seu marido e ele sempre dizia que eram recibos da casa que, com o dinheiro do trabalho dela, ele estava construindo para eles. Todavia, essas cartas começaram a chegar com perfume e na última vez tinha um beijo de botom impresso na carta! Ela, indignada, havia pedido para que a vizinha lesse para ela o que havia nas cartas. Surpresa: eram cartas de amor! Seu marido usava o dinheiro, que ela reservava para construir uma casa para eles, com outra mulher. Ela havia descoberto a traição e seu marido chegaria no outro dia e ela não sabia o que faria.

Então, foi feita uma cena de dramaturgia simultânea na qual, a atriz-esposa abria a porta e chegava o ator-marido, ela reclamava e falava sobre a traição e ele dizia: “Vai pegar minha sopa que eu estou com fome!” O assunto se encerrava e ela buscava a sopa do marido.

Houve muita indignação na plateia e algumas mulheres pediam que fosse realizada a alternativa na qual ela fosse embora da casa abandonando o marido, ou que ela colocasse ele

²¹ Esta história é contada por Boal em seu livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”. Todavia neste texto é contada a mesma história com a lembrança que a autora tem do próprio Boal contando o caso em encontros presenciais sobre Teatro do Oprimido.

para fora de casa, ou que ela fosse para a casa da sua mãe. Entretanto, outros da plateia não achavam boa alternativa. Alegavam que ela seria uma mulher sozinha e uma mulher divorciada não conseguia estabelecer nova vida no Peru naquela época, logo seria ruim para ela.

Depois de muita discussão uma senhora, muito nervosa com a situação, dizia que ela deveria ter uma conversa muito clara com o marido. Logo, Boal pediu aos atores que improvisassem a cena relativa a essa alternativa, e o mesmo desfecho: “Vai pegar minha sopa que eu estou com fome”.

Assim sendo, a mulher que havia sugerido a alternativa, indignada disse: “Não é isso! Eu disse que ela tivesse uma conversa MUITO CLARA com ele!” Boal se volta para aos atores e diz: “Por favor tenham uma conversa MUITO CLARA, claríssima.” A atriz-esposa ao ver o ator-marido chegando em casa explica tudo, bem pausado e claro, e conta sobre as cartas e a vizinha e a história dos recibos e fala todos pormenores. Mas, o ator-marido diz: “Vai pegar minha sopa que eu estou com fome.”

A mulher que deu a alternativa ficou indignada e no meio da cena ia saindo do teatro. Boal, irritado disse: “Senhora, estamos fazendo sua alternativa e a senhora vai embora?” Ela respondeu: “Vocês não estão fazendo minha alternativa, vocês são todos uns machistas. Vocês não conseguem fazer a minha alternativa!” Boal, mais irritado ainda, disse: “Então a senhora quer fazer sua alternativa?” Ela, surpresa, disse: “Eu posso?” Boal disse que sim.

Nesse momento ela sobe ao palco e quando o marido chega ela pega uma vassoura que está perto da mesa e dá umas vassouradas no ator e depois senta-se à mesa e diz para ele: “Agora vai pegar minha sopa que eu estou com fome.”

Boal aprendeu que ninguém melhor que a própria pessoa do público para fazer suas ideias virarem ação no palco. Nasceu assim o Teatro Fórum.

FERNANDES, Kelly Cristina. **TEATRO DO OPRIMIDO: UMA PRÁTICA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**. 2014. 252 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Cap. 3.

Fonte: FERNANDES, Kelly Cristina. **TEATRO DO OPRIMIDO: UMA PRÁTICA EM BUSCA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL**. 2014. 252 f. Monografia (Especialização) - Curso de Mestrado em Psicologia Social, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Cap. 3.